

ANA DEYVIS SANTOS ARAÚJO JESUÍNO



**CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS PARA
UMA ESCALA DE AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTOS
ANTISSOCIAIS**

**Apoio:
CAPES**



Campinas

2019

Ana Deyvis Santos Araújo Jesuíno

**CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS PARA A
ESCALA DE AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTOS
ANTISSOCIAIS (E-CANT)**

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação
Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São
Francisco, Área de concentração: Avaliação
Psicológica, para obtenção do título de Doutora

ORIENTADOR: PROF. DR. FABIÁN JAVIER MARÍN RUEDA

CAMPINAS
2019

158.8 Jesúino, Ana Deyvis Santos Araújo.
J56c Construção e estudos psicométricos para a Escala de
Avaliação de Comportamentos Antissociais (E-Cant) / Ana Deyvis
Santos Araújo Jesuíno. – Campinas, 2019.
 90 p.

 Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação
 Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.
 Orientação de: Fabián Javier Márin Rueda.

 1. Antissocial. 2. Trânsito. 3. Personalidade. 4.
Psicometria.



UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM PSICOLOGIA

Ana Deyvis Santos Araújo Jesuino defendeu a tese "CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS PARA A ESCALA DE AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTOS ANTISSOCIAIS (E-CANT)" aprovada pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco em 5 de junho de 2019 pela Banca Examinadora constituída por:

Prof. Dr. Fabián Javier Marín Rueda
 Presidente

Prof. Dra. Andrea dos Santos Nascimento
 Examinadora

Prof. Dr. Fabio Henrique Vieira de Cristo e Silva
 Examinador

Prof. Dr. Nelson Hauck Filho
 Examinador

Prof. Dr. Rodolfo Augusto Matteo Ambiel
 Examinador

Dedicatória

À minha família, em especial aos meus pais, meus avôs (in memoriam), avós e ao meu primo Ramon (in memoriam)

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

Agradecimentos

Agradecer foi algo que se tornou constante na minha vida nos últimos anos, um ato diário que fez cada dia melhor! Não há como não iniciar esse tópico sem pensar inicialmente em Deus. Gratidão à Ele por me proporcionar essa jornada, essa família que sempre me incentivou e me apoiou durante toda a minha vida escolar, que me proporcionou a superação em cada dificuldade e cada detalhe a ser aprendido. Obrigada à Deus, pelas pessoas maravilhosas que estiveram comigo durante essa jornada e a todos que me ajudaram. Obrigada por tudo!

Hoje finalizo mais uma etapa da minha vida e, sem sombra de dúvidas, isso se deve principalmente por ter uma mãe que não mede esforços para fazer tudo por mim. Deus foi muito bondoso comigo ao me dar você como mãe. Aquela que sempre me apoiou e apoia em tudo o que eu preciso, que sempre passou por cima de tudo pra me ver feliz, que acredita em mim sempre, que muitas vezes abriu mão de coisas para ela para que eu pudesse ter algo. Obrigada por ser minha amiga, minha parceira, meu porto seguro, por me amar tanto e por me dar a oportunidade de estudar em boas instituições, iniciar o mestrado e chegar até aqui! Espero que um dia eu possa retribuir tudo o que você fez e faz por mim, você é minha vida, te amo! Além dela, sou imensamente grata aos meus avós que sempre me apoiaram e acreditaram em mim. Mesmo que alguns não estejam mais presentes fisicamente eu sempre os terei comigo, no meu coração.

Iniciar a pós-graduação gerou medo, que era algo constante, pois fazia parte de algo novo. Porém, a felicidade de estar ali fazendo algo que eu tanto queria era maior do que qualquer coisa. Nesse período uma piauiense me acolheu e se tornou uma grande amiga. Obrigada Gildenir por me receber no seu apartamento, por ser compreensiva, por partilhar um pouco da sua vida comigo! Por meio da Gil eu conheci pessoas que foram essenciais nesse processo como o Jonatha, a Ana Maria, a Vanessa e a Fernanda Silveira,

que posteriormente viraram meus companheiros de “ap”! Com eles a risada era garantida e os dias se tornaram cada vez mais leves e, juntos, fomos suporte! Obrigada pelo apoio, pelas dúvidas tiradas e por todo amor a mim dispendido. Vocês estão no meu coração!

A medida em que o tempo passava novas pessoas passaram a fazer parte do meu ciclo inclusive a Camila, Catarina e Thaline colegas da época do mestrado e que permaneceram até o doutorado. Camila, obrigada pelos inúmeros puxões de orelha, pelas vezes em que você me trouxe de volta a realidade, pelas tentativas de me trazer momentos de lazer (o que era difícil em Itatiba hahaha). Thaline, a menina meiga que me acolheu, que sempre me perguntava se eu precisava de algo, que se preocupava em saber se eu estava passando frio e que me deu botinhas de tricot pra esquentar meus pés, pois sabia que à noite eu sofria muito com o frio. Cada ato de cuidado e carinho de vocês vai ficar sempre guardado na minha memória e no meu coração, obrigada!

Em meio a esse processo a Catarina deixou de ser apenas a Catarina e se tornou A CATARINA. É até um pouco difícil falar sobre você. Você me ensinou a agradecer, me ensinou que precisamos fazer as coisas por nós acima de tudo, que é possível se permitir viver e que sofrer faz parte e é inerente à vida, que o medo às vezes paralisa, mas que também impulsiona. Compartilhamos tantas coisas, tantos segredos e aventuras, e que aventuras! Vivemos! Vivemos tão bem que não temos fotos juntas que registrassem as coisas (hahaha). Por mais que eu tente escrever aqui o que você significa pra mim eu não conseguiria. Obrigada por me mostrar que posso ser independente, que é importante assumirmos o papel ao qual nos propomos a exercer. Obrigada por permitir que eu entrasse na sua vida, obrigada por me acolher na sua casa, por permitir que a sua família me acolhesse como parte da família. Como parte essencial eu não poderia deixar de citar seus pais, Tia Mônica e Tio Tom, que tanto cuidaram de mim, se preocuparam, me acolheram e ensinaram. Obrigada por tudo e por permitir que eu fizesse parte da casa e

da vida de vocês! Fui praticamente adotada! Nesse combo veio a Marina, minha mais que “miga, *friend*”! Obrigada pelas risadas, pelos momentos de seriedade, pelas parcerias no imagem e ação e pelas pegadinhas com a Catarina! Eu jamais vou esquecê-los e quero que saibam que os amo muito.

Desde Itatiba três pessoas sempre estiveram comigo: o Leonardo, a Naira e a Ariela. Juntos convivemos e fomos parceiros desde Itatiba. Nos aproximamos bastante desde então. A Naira aguentou minhas mudanças de humor, me apoiou durante as longas noites mal dormidas, sempre se prontificou a conferir a ortografia dos meus textos e ajudava nas ideias. Foi quem me acolheu e me levou diversas vezes ao hospital no auge do meu estresse. Obrigada por ser parceira, por ser amiga e por todos os ensinamentos que tive ao longo de tantos anos, para além da USF. Junto com ela e o Léo montamos a “nossa banda Usfisofridos!” Não eramos os melhores, mas nos divertíamos muito. Obrigada Leo por todas as vezes em que você me acolheu na sua casa, pelos almoços compartilhados, pelas risadas (e que risadas) dadas, pelos segredos e pela vida compartilhada! Depois de um tempo a Ariela ficou mais próxima e juntas dividimos boa parte do dia. Ariela, ou Riri para os íntimos, é a figura mais à toa, mas ao mesmo tempo a mais concentrada, aquela em que o mundo podia desabar no Lab 2 que ela não percebia. A pessoa que me ajudou com essa tese de todas as formas, que me fez companhia, que me dizia que eu precisava acreditar mais em mim. Obrigada pela parceria de vocês, pelo amor, pelo cuidado, por cada momento de aprendizagem, pela partilha de tantos bons momentos!

Ao longo desses anos outras pessoas foram aparecendo e agregando valor. Dentre elas Felipe e Gabriela, que junto com a Catarina e eu formamos o “moio”. O tempo e a afinidade com algumas coisas nos aproximaram e é impressionante como vocês adquiriram um significado ao longo desses anos. Felipe, o nosso mister PPG, aquele que

sempre tem um movimento diferenciado, que as vezes ninguém aguenta no lab e que não nos deixava trabalhar, que me chutava por baixo da mesa, ou que falava as coisas que só eu achava engraçado e completava, que topava as minhas brincadeiras e eu as dele. Gabi, a pessoa que não consegue disfarçar a cara, a menina dos bordões e que me dizia que eu sou a rainha do trânsito. Queria dizer que você é a rainha da depressão, mas acho que não fica tão legal (hahaha). Vocês têm um senso enorme de justiça e sempre buscam defender aqueles que acreditam precisar. São extremamente competentes e tem um caminho lindo pela frente. Obrigada, obrigada e obrigada por todos os momentos! Eu amo vocês!

Juntos (Catarina, Thaline, Camila, Leo, Naira, Ariela, Felipe, Gabi e eu) vivenciamos a nossa maior dor usfiana, A enchente! Como foi doloroso entrar na nossa segunda casa e ver tudo aquilo coberto de lama. Testes, computadores, artigos da revista e tudo que caracterizava o nosso ambiente simplesmente destruído. Apesar da dor a enchente nos uniu e como sempre repetimos: A lama nos uniu! Sou só gratidão a cada um de vocês.

Nesse último ano tive o prazer de me aproximar de outras pessoas tão sensacionais quanto as anteriores. Juntos nossos dias foram mais felizes, menos tensos e todos nós sabíamos e sabemos que somos suporte. Paulinha, obrigada pela sua paciência, pela sua prestatividade. Samanta, ou Samy! Minha parceira de artigos *darks* e paródias sobre os transtornos de personalidade! Mariana, o que falar de você? Chegou e me conquistou! Obrigada por me mostrar um outro lado que eu não conhecia, por me fazer ver o mundo de forma mais leve e humana. Lucas, Bruno, Ruam (com m de maçã), Gabriel e Leilane chegaram por último, mas é impossível não se sentir bem e acolhida perto deles. Juntos gastamos várias calorias apenas rindo! Vocês são pessoas de alma leve e do bem! Por último, porém não menos importante a minha irmã de orientação Fernanda! Fer, você sabe que nossa relação foi construída numa base sólida e que talvez você tenha me

ajudado muito mais do que eu a você! Obrigada pela sua paciência, pelos dias que você ficou no “ap” comigo e a Ariela, por você não se importar quando eu pegava no seu pé, você sabe que isso é amor! Aprendi a te admirar e perceber que seu olhar é diferenciado, é clínico e apurado! Você é uma grande irmã, uma grande amiga. Gratidão a vocês por todo esse tempo compartilhado, por entenderem que eu sou competitiva no imagem e ação, no uno e por sempre toparem almoçarmos juntos na nossa casa, minha e da Ariela. Com certeza, estará de portas abertas pra vocês. Já sinto saudade de todos!

Para além da USF, várias pessoas se fizeram essenciais nesse processo. Meus primos-irmãos Mateus, Ana Julia, Vicente, Lisa, Florisvaldo, Renan, Anyelle, Taynara e Ramon (*in memórian*) e a cunhada mais que amada Maíra. Obrigada por todo incentivo e apoio que vocês me deram. Vocês são essenciais e parte dessa conquista eu devo a vocês. Obrigada pelos príncipes e pela princesa que vocês tiveram, por me permitir participar da educação deles, por vivermos juntos tantos momentos lindos. Os últimos meses não foram fáceis, mas Deus permitiu que eu estivesse com as pessoas que tanto amava nos últimos momentos de vida deles. O Ramon era o meu primo mais engraçado, com o amor e o cuidado que eram incondicionais e a risada era garantida. Eu sei que está vibrando pela minha conquista, pois, juntos planejamos muito como ela aconteceria e inclusive sobre a sua vinda para a defesa. Infelizmente isso não estava nos planos de Deus, mas ele foi tão bondoso que permitiu estivéssemos juntos em seus últimos momentos que foram como sempre: repletos de amor, de boas risadas, de opiniões compartilhadas e de muita comida, como o Ramon adorava! Vocês todos foram pessoas que sempre me incentivaram e queriam ver o meu sucesso. Estaremos sempre juntos, mesmo que não fisicamente, mas vocês estão e estarão sempre no meu coração e eu sei que eu estou no de vocês. O amor cura e isso nós temos de sobra!

O ano de 2018 foi um ano extremamente abençoado, não canso de repetir. Foi um

ano repleto de muito trabalho, de noites sem dormir, de estresse e cansaço, mas cheio de coisas lindas, de pessoas lindas e de conquistas, afinal toda conquista tem em seu percurso algumas dificuldades e muito aprendizado. Além disso, foi um ano em que eu ganhei, e ganhei muito! Ganhei inclusive alguns dos maiores presentes da minha vida. Nesse sentido, não posso deixar de citar a Enedina. O que falar de você? Só consigo pensar que eu fui agraciada por Deus quando lhe colocou novamente na minha vida e em um momento que não era fácil, mas talvez só você e eu saibamos o que sentimos ao retomar nossa amizade e a importância dela. Se tem uma palavra que eu posso definir em relação a isso e a você é gratidão! Gratidão por todas as vezes em que você me ouviu, por todas as vezes em que foi meu ombro e que também me reensinou a saber ouvir, me reaproximou de Deus e me tornou um ser humano melhor. Obrigada pelas vezes em que você esteve ao meu lado nesses últimos meses. Em meio as perdas e dor você sempre me dizia que eu precisava ser forte porque eu era forte, que eu precisava ter coragem porque eu era muito além daquilo. Se eu fui forte e corajosa, em boa parte, foi graças ao seu apoio e incentivo que me ajudaram a permanecer em pé, muito obrigada! Foi graças a essa reaproximação que eu conheci pessoas lindas como a Lorena, o Cadu e Marcouse. Esses dias estive pensando em vocês quatro e lembrei de uma frase do Leonardo da Vinci que diz que “Os olhos são as janelas da alma e o espelho do mundo”. Quanta riqueza e beleza há em vocês! Obrigada por me permitirem ver paz, tranquilidade, amor, companheirismo e amizade. Vocês me conquistaram e estão no meu coração.

Lorena Gonçalves, aquela amizade das antigas e que mudou, mudou pra melhor! Que bom te ter de volta perto de mim e que bom estar ao seu lado nessa nova fase da sua vida. Obrigada por confiar e por acreditar em mim, obrigada por me permitir estar perto de você e da Rebeca, essa bonequinha linda que traz tanta felicidade. Obrigada também as minhas amigas da Psicologia do Piauí: Vanessa, Cris, Luciana, Ana Paula, Conceição

Uchoa, Kyslley e Hivana, por toda ajuda, paciência e por sempre acreditarem nos meus sonhos tanto quanto eu acredito. Vocês são sensacionais.

Há quem diga que faz parte do protocolo agradecer ao corpo docente do programa. Em relação a USF, eu devo discordar. É impossível não agradecer a essas pessoas que, de forma sabia, acolhem, ensinam, aconselham e apoiam cada um dos seus alunos. Recordo-me que quando cheguei na universidade eu os via como meus super-heróis da psicologia. Ligava pras amigas do Piauí e dizia “vocês tem noção de que os autores dos livros e testes que estudamos são meu professores? Isso é sensacional”. Claro que o primeiro da lista é o meu orientador! Fabián, aquele a quem eu chamava de senhor e me dizia com aquele sotaque portunhol que o senhor estava no céu até que eu acostumasse a chamá-lo apenas de Fabián. Você me acolheu, me ensinou e me auxiliou. Você confiou em mim a ponto de me convidar para conhecer sua casa, sua família e sempre se preocupou não só comigo, mas com todos os seus orientandos. Sempre dizia “salvem meu número e me liguem se precisarem de qualquer coisa”. Ao longo desses anos fui aprendendo e fui alertada por você de que você me guiaria no começo, mas depois eu teria que caminhar com as minhas próprias pernas e assim aconteceu. Confesso que, por várias vezes senti medo ao longo desse caminhar, porém hoje eu consigo ver o quanto foi importante e o quanto me fez crescer. Falar de você enquanto pessoa só aumenta a minha admiração pois é nítido o quanto você é justo e busca sempre o melhor para aqueles que são minoria. Obrigada por me permitir ser sua orientanda, por me permitir caminhar e crescer. Espero que nossa parceria e projetos continuem para além do doutorado e desculpa pelas vezes em que eu te imitei (hahaha).

Há sempre aqueles professores com os quais somos mais próximos como é o caso da professora Acácia, Ana Paula, Rodolfo, Lucas e Makilim. Professoras Acácia e Ana Paula, umas verdadeiras damas, porém bem mais que isso! Duas profissionais super

competentes com as quais eu tive a honra de trabalhar, conviver e aprender. Não tenho palavras que mensurem o carinho e a gratidão que tenho para com vocês e isso é apenas o reflexo de todo apoio, das vezes em que prontamente se dispuseram a tirar minhas dúvidas e me aconselhar inclusive sobre coisas extra-usf. O Rodolfo, nosso querido Rod, aquele professor companheiro, que sempre passava no lab pra bater um papo, ou pra saber do que estávamos rindo tanto, afinal o Rod é um bom companheiro! Você se fez presente durante esse processo de formação de forma ímpar. Foi alguém que sempre incentivou, que sempre dizia que podia melhorar e que eu tive a oportunidade de trabalhar e aprender. Não posso deixar de agradecer a você e Ana Paula por confiarem no meu trabalho e me convidarem para fazer parte da Psico-Usf, sem dúvidas foi um aprendizado único.

O Lucas é aquele professor que sempre tinha as ideias mais mirabolantes e que a gente pensava: de onde ele tirou isso? Ligado no “220” o tempo todo e sempre inovando. O Lucas foi essencial na construção dessa tese juntamente com o Nelson. Os dois sempre solícitos e prestativos com sugestões que iam desde questões teóricas até a construção dos itens, o que sem dúvida contribuiu e muito para a construção do instrumento proposto. Muito obrigada pela ajuda! O Mak com sua forma única de conduzir as disciplinas trazia mais leveza a tão temida aula. Às vezes era tenso mesmo, mas na maioria das vezes o Mak tinha as palavras certas que nos tiravam gargalhadas. Obrigada pelas visitas ao lab, pelas vezes que leu meus textos e sempre com sugestões pertinentes.

Espero que os novos alunos tenham a oportunidade de vê-los como eu vejo, como um grupo unido, competente e disposto a ajudar. O Fabián sempre falava que nós não veríamos essa relação em outras universidades e ele tem razão. Só posso agradecer imensamente a Deus pela oportunidade de estar com vocês e de poder fazer parte de um lugar como o PPG da USF. Obrigada a cada um de vocês do corpo docente!

Gostaria de agradecer ainda aos professores Daniel Bartholomeu pelas

contribuições na banca de qualificação, à professora Andrea Nascimento e ao professor Fábio de Cristo pelo aceite em participar da defesa e pelas sugestões para a melhoria do trabalho e também aos membros internos, Rodolfo e Nelson pelas contribuições.

Obrigada à Universidade São Francisco e à CAPES pela oportunidade de bolsa para a realização do mestrado e doutorado. Por fim, gostaria de agradecer ao ex-presidente Lula por possibilitar a milhares de pessoas, inclusive a mim, a oportunidade de ter um ensino superior, uma pós-graduação e por permitir a realização de muitos sonhos por meio de tantos programas de incentivo à educação. Certamente seremos resistência e juntos continuaremos a lutar, entre outras coisas, contra o desmonte da ciência.

Epígrafe

Em tempos de violações de direitos, toda tentativa de garantir o direito do próximo é válida. Afinal, “ninguém solta a mão de ninguém.”

Resumo

Jesuino, A. D. S. A. (2019). Construção e Estudos Psicométricos para a Escala de Avaliação de Comportamentos Antissociais (E-Cant). Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.

O comportamento antissocial está relacionado ao descumprimento de normas e regras que causam prejuízos ao indivíduo e à sociedade da qual ele faz parte. Esse comportamento é característico em alguns transtornos e pode ser avaliado com base no modelo proposto na quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-5*) formado pelos domínios Desinibição e Antagonismo. O primeiro engloba a Exposição ao risco, a Impulsividade e a Irresponsabilidade. O Antagonismo engloba os traços de Manipulação, Insensibilidade, Desonestidade e Hostilidade. Além disso, a agressividade também foi incluída por ser considerada um aspecto importante para a avaliação do comportamento antissocial. Cabe destacar que esses traços, são comumente apresentados na literatura como indicadores de infrações e acidentes de trânsito. Por meio de uma revisão integrativa identificou-se que os instrumentos disponíveis para uso avaliavam ou o aspecto antagônico ou a desinibição. A partir disso, o objetivo geral desta pesquisa foi construir e estudar as propriedades psicométricas para a Escala de Avaliação de Comportamentos Antissociais (E-Cant). Foram buscadas evidências de validade com base no conteúdo, na estrutura interna, convergente e incremental utilizando o Instrumento Breve de Comportamento Antissocial (IBCAS) e com base em variáveis externas para o contexto do trânsito utilizando o tipo de multas (leves a graves) e o Questionário do Comportamento do Motorista (QCM). Foram construídos 110 itens cujos conteúdos foram avaliados inicialmente por juízes após a aprovação no comitê de ética. Isso permitiu uma estrutura final de 64 itens respondidos por 600 pessoas dos estados do Piauí, São Paulo e Paraná, maiores de 18 anos e com diferentes níveis de escolaridade. A análise da estrutura interna resultou em um modelo fatorial hierárquico de 38 itens, com bons índices de confiabilidade, divididos em cinco componentes denominados Agressividade, Manipulação Interpessoal, Exposição ao Risco, Comportamento de Risco no trânsito e Irresponsabilidade. Posteriormente, foram buscadas evidências de validade para o contexto do trânsito e de validade incremental. Os resultados indicaram que a E-Cant é um instrumento com bons índices de ajuste. Além disso, apresentou uma boa capacidade preditiva em função de erros, lapsos e violações, como ainda, uma capacidade de incrementar o modelo em relação ao IBCAS. Os resultados encontrados permitem afirmar que a E-Cant pode ser utilizada para diferenciar pessoas. Aqueles que endossaram mais os itens apresentaram maiores níveis de comportamento antissocial do mesmo modo que conseguiu prever a possibilidade de motoristas cometerem erros, lapsos e violações. Considerando isso, é importante que novos estudos sejam realizados para avaliar candidatos à carteira nacional de habilitação e a desajustabilidade social dos itens, bem como estudos em outros contextos, por exemplo, para porte de arma e seleção de pessoas.

Palavras-Chave: antissocial, trânsito, personalidade, psicometria

Abstract

Jesuino, A. D. S. A. (2019). Construction and psychometric studies for the Escala de Avaliação do Comportamento Antissocial (E-Cant). Doctoral thesis. Post-Graduate Studies in Psychology, Universidade São Francisco, Campinas - SP.

Antisocial behavior is related to noncompliance with norms and rules that cause prejudice to the individual and society. This behavior is present in some disorders and can be assessed based on the model proposed in the fifth version of the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5), formed by the Disinhibition and Antagonism domains. Disinhibition includes Exposure to Risk, Impulsivity, and Irresponsibility. Antagonism encompasses the traits of Manipulation, Insensitivity, Dishonesty, and Hostility. Also, aggressiveness was included as an important aspect of assessing antisocial behavior. It should be noted that these traits are commonly presented in the literature as indicators of infractions, violations and traffic accidents. Through an integrative review, it was identified that the instruments available for use assess either the antagonistic aspect or disinhibition. From this, the general objective of this research was to construct and to study the psychometric properties for the Scale of Assessment of Antisocial Behaviors (E-Cant). Evidence of validity was sought based on content, an internal and convergent structure using the Brief Instrument for Antisocial Behavior (IBCAS) and based on external variables for the context of traffic using the type of tickets (light to severe) and the Questionnaire Driver Behavior (QCM). A total of 110 items were built, which, after approval by the ethics committee, were initially evaluated by judges on their content. This allowed a final structure of 64 items answered by 600 people from the states of Piauí, São Paulo, and Paraná, over 18 years old and with different levels of schooling. The internal structure analysis resulted in a hierarchical factorial model of 38 items, with good reliability indexes, divided into five factors called Aggressiveness, Interpersonal Manipulation, Risk Exposure, Risk Behavior in traffic and Irresponsibility. Subsequently, evidence of validity was sought for the context of transit and incremental validity. The results indicated that the E-Cant is an instrument with good indexes of adjustment. Moreover, it presented a good predictive capacity due to errors, lapses, and violations, as well as an ability to increase the model in relation to IBCAS. The results show that E-Cant can be used to differentiate people with higher levels of antisocial behavior, it was able to predict the possibility of drivers making mistakes, lapses and violations. Considering this, it is important that further studies evaluate candidates for the national driver's license, social desirability of items, as well as other contexts, for example for carrying weapons and selecting people.

Keywords: antisocial, transit, personality, psychometry

Resumen

Jesuino, A. D. S. A. (2019). Construcción y Estudios Psicométricos para la Escala de Avaliação do Comportamento Antissocial (E-Cant). Tesis Doctoral, Programa de Estudios de Posgrado em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas - SP.

El comportamiento antisocial está relacionado al incumplimiento de normas y reglas que causan perjuicios al individuo ya la sociedad de la que forma parte. Este comportamiento es característico en algunos trastornos y puede ser evaluado con base en el modelo propuesto en la quinta versión del Manual Diagnóstico y Estadístico de Trastornos mentales (DSM-5) formado por los dominios Desinhibición y Antagonismo. El primero engloba la Exposición al riesgo, la Impulsividad y la Irresponsabilidad. El Antagonismo engloba los rasgos de Manipulación, Insensibilidad, Deshonestidad y Hostilidad. Además, la agresividad también fue incluida por ser considerada un aspecto importante para la evaluación del comportamiento antisocial. Cabe destacar que esos rasgos, son comúnmente presentados en la literatura como indicadores de infracciones, violaciones y accidentes de tránsito. Por medio de una revisión integrativa se identificó que los instrumentos disponibles para uso evaluaban o el aspecto antagonista o la desinhibición. A partir de eso, el objetivo general de esta investigación fue construir y estudiar las propiedades psicométricas para la Escala de Evaluación de Comportamientos Antisociales (E-Cant). Se buscan evidencias de validez basadas en el contenido, en la estructura interna y convergente utilizando el Instrumento Breve de Comportamiento Antisocial (IBCAS) y con base en variables externas para el contexto del tránsito utilizando el tipo de multas (ligeras a graves) y el Cuestionario del " Comportamiento del conductor (QCM). Se construyeron 110 ítems que, después de la aprobación en el comité de ética, fueron evaluados inicialmente por jueces sobre el contenido de los mismos. Esto permitió una estructura final de 64 ítems respondidos por 600 personas de los estados de Piauí, São Paulo y Paraná, mayores de 18 años y con diferentes niveles de escolaridad. El análisis de la estructura interna resultó en un modelo factorial jerárquico de 38 ítems, con buenos índices de confiabilidad, divididos en cinco factores denominados Agresividad, Manipulación Interpersonal, Exposición al Riesgo, Comportamiento de Riesgo en el tránsito e Irresponsabilidad. Posteriormente, fueron buscadas evidencias de validez para el contexto del tránsito y de validez incremental. Los resultados indicaron que E-Cant es un instrumento con buenos índices de ajuste. Además, presentó una buena capacidad predictiva en función de errores, lapsos y violaciones, así como una capacidad de incrementar el modelo en relación al IBCAS. Los resultados encontrados permiten afirmar que E-Cant puede ser utilizada para diferenciar personas. Aquellos que endosaron más los ítems presentaron mayores niveles de comportamiento antisocial del mismo modo que logró predecir la posibilidad de conductores cometer errores, lapsos y violaciones. En vista de ello, es importante que se realicen nuevos estudios para evaluar candidatos a la cartera nacional de habilitación y la deseabilidad social de los ítems, así como estudios en otros contextos, por ejemplo para porte de arma y selección de personas.

Palabras clave: antisocial, tránsito, personalidad, psicometria

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	191
INTRODUÇÃO	5
O COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL (CAS).....	5
AVALIAÇÃO DA PERSONALIDADE NO CONTEXTO DO TRÂNSITO.....	13
REFERÊNCIAS	18
ARTIGO 1 - COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL: IDENTIFICAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO POR MEIO DE REVISÃO INTEGRATIVA.....	26
RESUMO.....	26
ABSTRACT.....	26
RESUMEN.....	26
INTRODUÇÃO.....	27
MÉTODO.....	29
RESULTADOS.....	30
DISCUSSÃO.....	42
REFERÊNCIAS.....	46
ARTIGO 2- CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS INICIAIS DA ESCALA DE COMPORTAMENTOS ANTISSOCIAIS (E-CANT).....	53
RESUMO.....	53
ABSTRACT.....	53
RESUMEN.....	53
INTRODUÇÃO.....	54
MÉTODO.....	57
ESTUDO 1 - ETAPA 1 - ELABORAÇÃO DOS ITENS E AVALIAÇÃO DE JUÍZES.....	57
ESTUDO 1- ETAPA 2- ESTUDO PILOTO.....	60
ESTUDO 2- VERIFICAÇÃO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS.....	61
RESULTADOS.....	62
DISCUSSÃO.....	67
REFERÊNCIAS.....	70
ARTIGO 3 - O JEITO BRASILEIRO DE CONDUZIR: EVIDENCIAS DE	

VALIDADE PARA UMA ESCALA DE COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL (E-CANT).....	75
RESUMO.....	75
ABSTRACT.....	75
RESUMEN.....	75
INTRODUÇÃO.....	75
MÉTODO.....	79
RESULTADOS.....	81
DISCUSSÃO.....	85
REFERÊNCIAS.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90

Apresentação

O comportamento antissocial é caracterizado por um padrão comportamental que tem seu surgimento na infância e que pode permanecer até a vida adulta (Capaldi & Patterson, 1991) causando prejuízo para o indivíduo e para a sociedade em geral, além de ser uma característica presente em transtornos de personalidade. Na quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM 5*) é apresentado um modelo alternativo, embasado na premissa de que traços de personalidade estão presentes em todos os indivíduos em maior ou menor grau, e quando extremos (patológico), se caracterizam como um transtorno de personalidade.

Em virtude desse aspecto, a presente tese adotou a definição do DSM-5 do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) para avaliar o Comportamento Antissocial. Fazem parte dele os domínios Antagonismo e Desinibição. O Antagonismo diz respeito a comportamentos divergentes com outras pessoas, incluindo um sentimento exagerado da própria importância, bem como antipatia insensível em relação aos outros, englobando os traços de Manipulação, Insensibilidade, Desonestidade e Hostilidade. Por sua vez, o domínio Desinibição está relacionado à gratificação imediata sem levar em consideração o aprendizado passado ou consequências futuras, e abarca a Exposição ao risco, a Impulsividade e a Irresponsabilidade (*American Psychiatric Association- APA, 2014*). Além disso, alguns autores consideram a agressividade um fator importante para o comportamento antissocial (Burt, Donnellan, & Tackett, 2012). De acordo com a intencionalidade a agressividade pode ser classificada como comportamento agressivo reativo ou impulsivo, respostas impulsivas associadas a raiva, e comportamento agressivo proativo ou instrumental que é caracterizado por uma agressão deliberada e ocorre como uma antecipação a resposta dos outros (Dodge & Coie, 1987).

Em pesquisas internacionais esses aspectos aparecem relacionados, entre outros, com o envolvimento em acidentes de trânsito e o comportamento infrator do motorista (Chen, 2009; Constantinou, Panayiotou, Konstantinou, Loutsiou-Ladd, & Kapardis, 2011; Lucidi, Mallia, Lazuras, & Violani, 2014). Tais estudos fornecem evidências de que características da personalidade estão relacionadas a comportamentos socialmente divergentes e a infrações às leis de trânsito (Hoffman, 2005; Santos, Boff, & Konflanz, 2012).

Cotidianamente, no Brasil, a imprensa relata situações em que, além de acidentes, a violência e o desrespeito ao próximo são evidentes no trânsito. Podem ser citados como exemplos os casos em Curitiba e Teresina: “Mulher é agredida após errar manobra no Trânsito em Curitiba” (Oliveira & Sevieri, 2018) e “Homem efetua disparos contra jovem após briga de trânsito na Zona Leste de Teresina” (Marreiros, 2018).

Esses fatos reforçam a importância de estudos no contexto do trânsito, principalmente a respeito de compreender o que leva os motoristas a agirem de tal forma. Isso vai ao encontro do objetivo inicial da avaliação psicológica no trânsito que é a prevenção ou seleção de motoristas que sejam capazes de conduzir de forma segura (Lamounier & Rueda, 2005). É importante destacar que ainda são poucos os estudos sobre instrumentos que podem ser utilizados na área do trânsito. Isso identifica a necessidade da construção de instrumentos que sejam capazes de prever comportamentos de risco (Mognon & Rueda, 2016).

De acordo com estatísticas do Ministério da Saúde (2016), o número de mortes no trânsito em 2014 foi de 43.075, com 201.000 feridos hospitalizados. Os dados do Mapa da Violência revelaram que, no período de 2002 a 2012, ocorreu um aumento de 126,7% dos óbitos por acidentes de transporte na população total (Waiselfisz, 2014). Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2015), no ano de 2014 ocorreram

169.163 acidentes nas estradas federais fiscalizadas pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), sendo que, desse total, 8.227 pessoas perderam a vida e cerca de 100 mil ficaram feridas.

Esses acidentes geraram um custo, em 2014, de aproximadamente R\$ 12,3 bilhões, sendo que 64,7% estavam associados às vítimas dos acidentes, e serviam para cuidados com a saúde e a perda de produção acarretada pelas lesões ou morte. Em média, cada acidente custou R\$ 72.705,31, sendo importante destacar que um acidente com vítima fatal tem um custo médio de R\$ 646.762,94. Esses dados indicam a necessidade de intensificação das políticas públicas de redução, não somente da quantidade dos acidentes, mas também da sua gravidade (Ministério da Saúde, 2016).

Levando-se em consideração tais aspectos, este estudo objetivou construir uma escala para avaliação de comportamentos antissociais (E-Cant) e especificamente foram buscadas evidências de validade de conteúdo, consistência interna, convergente e incremental. As evidências de validade convergente e incremental foram buscadas utilizando o Instrumento Breve de Comportamentos Antissociais (IBCAS) e de critério externo para o contexto do trânsito por meio do Questionário do Comportamento do Motorista (QCM) e do tipo de multa.

Esta tese possui uma introdução que versa sobre os construtos estudados e apresenta a importância da avaliação e desenvolvimento de pesquisas no contexto do trânsito além da busca de evidências de validade para testes nesse contexto. Em seguida, são apresentados os três artigos realizados que foram oriundos do objetivo geral. O primeiro artigo é uma revisão integrativa de instrumentos utilizados para avaliação do comportamento antissocial em adultos. O Segundo é sobre a construção da E-Cant e suas propriedades psicométricas iniciais, e o terceiro é sobre o funcionamento e a capacidade discriminativa e incremental do instrumento no contexto do trânsito. Por fim, serão

apresentadas as considerações gerais da tese e as referências utilizadas.

Introdução

O Comportamento Antissocial (CAS)

Por muitos anos o termo “comportamento antissocial” foi utilizado como rótulo relacionado ao aspecto psicossocial para se referir a algo indesejado como resultado de um transtorno de personalidade (Millon, Simonsen, Davis, & Birket-Smith, 1998). Dentre as definições encontram-se as que consideram o CAS como um fator de primeira ordem, contrastante com um fator de agentes pró-sociais (família, igreja e escola), que compreende um conjunto de comportamentos desviantes como, por exemplo, envolvimento em atividades delitivas, uso do álcool de forma abusiva, de drogas ilícitas (Donovan & Jessor, 1985), roubo, vandalismo, condução imprudente, jogar e fumar excessivamente, instabilidade de emprego, entre outros aspectos (Farrington, 1995). Dessa forma, quem é antissocial acaba sendo alguém que tem pouca civilidade e consideração para com os outros se tornando, por vezes, ofensivo (Bottoms, 2006).

No que diz respeito ao uso de drogas ilícitas, o antissocial está relacionado menos ao ato, que é criminoso, e mais ao fato de que o uso e venda de drogas ilegais em áreas públicas gera um impacto para quem trabalha e mora nas proximidades (Harradine et al., 2004). Isso ocorre pelo fato de que os aspectos antissociais afetam a qualidade de vida da comunidade.

Na tentativa de compreender mais sobre os tipos de comportamentos considerados antissociais, Millie, Jacobson, Hough e Paraskevopoulou (2005) produziram uma tipologia de CAS que tenta remeter ao que é antissocial e excluir o aspecto criminoso, sendo dividido em (1) CAS interpessoal ou malicioso, que é direcionado a indivíduos, grupos ou organizações e envolvem chantagens ou vandalismo e ameaças, (2) o CAS ambiental, que diz respeito a barulhos que causam incomodo, veículos abandonados e grafitar, e, por fim (3), o CAS restringindo o acesso a espaços públicos, que inclui

comportamento intimidador por grupos nas ruas, beber e usar drogas ilícitas na rua. Posteriormente, Lovbakke (2007) elencou outra tipologia, similar à de Millie et al. (2005), que consiste em (1) incomodar vizinhos, (2) cometer crimes ambientais e (3) problemas de rua.

Essas conceituações permitem concluir que o CAS não está necessariamente ligado ao aspecto patológico. Ele está presente nos indivíduos e pode fazer com que eles se envolvam em situações de risco e violência (Skeem, Miller, Mulvey, Tiemann, & Monahan, 2005). Tal comportamento passa a ser considerado patológico, classificando-se como um transtorno quando desvia dos aspectos relacionados à cultura do indivíduo, sendo difuso e inflexível, com desenvolvimento na adolescência ou início da fase adulta, permanecendo estável ao longo do tempo e ocasionando sofrimento ou prejuízo, geralmente para a sociedade. Deve-se levar em consideração que é necessário que outro transtorno psicológico não explique melhor esses prejuízos e tampouco sejam atribuíveis aos efeitos fisiológicos de uma substância ou condição médica, ou seja, devem-se excluir esses aspectos como consequência do uso de drogas (APA, 2014).

Isso indica que pessoas com comportamento antissocial podem não necessariamente apresentar algum transtorno, mas que os comportamentos considerados socialmente desviantes estão presentes em várias condições psicopatológicas. Esses comportamentos podem ser relacionados com o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) (APA, 2014), traços de psicopatia, maquiavelismo e insensibilidade-frieza (*callous-unemotional* –CU) (Cooke, Michie, Hart, & Clark, 2004; Lau, & Marsee, 2013), Transtorno Bipolar (Swann, et al., 2011), Transtorno de Personalidade Borderline (Chabrol, Valls, Leeuwen, & Bui, 2012; Freestone, Howard, Coid, & Ullrich, 2013) e Transtorno de Personalidade Narcisista (Lau, & Marsee, 2013; Reidy, Zeichner, Foster, & Martinez, 2008).

Os critérios utilizados para diagnóstico desses transtornos estão presentes no DSM que em sua primeira versão de 1953, tinha o foco na aplicação e descrição clínica de cada categoria diagnóstica. No DSM-II foram realizadas poucas alterações na terminologia. Na terceira versão publicada em 1980, o DSM-III apresentou modificações metodológicas e estruturais, com enfoque descritivo com critérios explícitos de diagnóstico organizados em um sistema multiaxial. Algumas modificações foram efetivadas por meio de revisões realizadas e em 1987 foi publicada a edição revisada (DSM-III-R). O aumento de pesquisas na área da saúde mental permitiu que em 1994 a APA lançasse o DSM-IV, que possuía grandes modificações em relação à edição anterior, principalmente em relação ao aumento de dados, a inclusão de diversos novos diagnósticos descritos com critérios mais evidentes e precisos. Uma revisão dessa edição foi publicada em 2000, o DSM-IV-TR, e utilizada até 2013, quando foi lançado o DSM-5 (Araújo & Neto, 2014).

Em virtude de críticas que revelavam fragilidades no sistema categórico do DSM em versões anteriores, é apresentado em sua quinta edição um modelo alternativo para o sistema categórico com base nos traços da personalidade que possui cinco dimensões, a saber, a Afetividade Negativa, Distanciamento, Antagonismo, Desinibição e Psicoticismo. Essas dimensões são bipolares e vão desde a ausência dos traços até sua presença extrema, sendo que pessoas com transtorno pontuariam na extremidade mal-adaptativa (Whitbourne & Halgin, 2015).

Esse modelo alternativo apresenta relações com a estrutura mais comum da personalidade com base no Modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF; *Five Factor Model*) (McCrae & Costa, 1997). No Brasil, no primeiro estudo sobre o modelo, os fatores foram nomeados de Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura para novas Experiências. A Extroversão diz respeito à preferência, a intensidade e a

quantidade de relações interpessoais. A Amabilidade está relacionada aos tipos de interações ao longo de um contínuo (e.g. do antagonismo à compaixão). O fator Conscienciosidade representa aspectos como persistência, controle, organização e motivação para alcançar os objetivos. Por sua vez, o Neuroticismo tem relação com o ajustamento emocional, instabilidade afetiva, baixa tolerância a frustração, entre outros. Por fim, a Abertura para novas Experiências, ou intelecto, faz referência a comportamentos exploratórios, ou seja, a importância de novas experiências (Hutz et al., 1998).

Especificamente no modelo alternativo do DSM-5, são apresentados cinco domínios que são variantes mal-adaptativas dos cinco domínios do modelo CGF. A saber, a Afetividade Negativa aparece de maneira semelhante ao Neuroticismo dos CGF, o Desapego à baixa Extroversão, o Antagonismo à baixa Socialização (também denominada de Agradabilidade), Desinibição à baixa Realização (ou Conscienciosidade) e Psicoticismo à Abertura (Thomas et al., 2013; Wright, et al. 2012).

Portanto, a fim de ampliar a gama de aspectos avaliativos, foram utilizados nesta tese o Antagonismo e a Desinibição para avaliar o Comportamento Antissocial (CAS) tendo como base o DSM-5, além da agressividade que é considerada relevante para sua avaliação. Relacionados ao primeiro estão a Manipulação, Insensibilidade, Desonestidade e Hostilidade. No domínio Desinibição encontram-se a Exposição ao risco, a Impulsividade e a Irresponsabilidade (APA, 2014). Esses traços serão apresentados a seguir.

A Manipulação é caracterizada como o uso frequente de subterfúgios para influenciar o controle de outras pessoas. Um indivíduo manipulador faz uso de charme e sedução, habilidade em conversas ou ainda bajulação para alcançar o seu objetivo (APA, 2014). Os principais constituintes da Manipulação envolvem o engano e/ou coerção, ação

intencional e planejada e falta de preocupação para com os outros. A maioria das pessoas tem motivos para uma determinada ação e nem sempre os declaram como, por exemplo, ser bom para o patrão por querer uma promoção ou algum outro benefício, ou ainda, realizar um favor para alguém tendo em vista outro favor em troca (Bowers, 2003).

Pessoas manipuladoras utilizam artifícios como lamentação, queixas e ameaças explorando as necessidades emocionais do outro. Indivíduos manipuladores têm baixa socialização e extroversão e não confiam nos demais e, frequentemente, suspeitam de suas intenções (Baron, 2003). Contudo, a partir do momento em que tais comportamentos se tornam hábitos e são repetitivos associados a uma negação da necessidade dos outros, causando dor e danos ao próximo e explorando seus pontos fracos para saber como agir, caracterizam-se como patológicos (Bowers, 2003).

A Insensibilidade, por sua vez, é considerada a ausência de preocupação com os sentimentos ou problemas alheios, ausência de remorso ou culpa em relação às consequências negativas ou prejudiciais dos seus atos sobre os outros e, ainda, apresenta como característica a agressão e o sadismo (APA, 2014), bem como a dificuldade de manifestar emoções (Kimonis et al., 2008). É necessário destacar que a presença de algum nível desse traço tanto em adolescentes quanto em adultos é comum, isto se deve ao fato de ser uma característica emocional. Contudo, alguns indivíduos apresentam um padrão além de agressivo, antissocial (Kahn, Byrd, & Pardini, 2013).

A Desonestidade está relacionada com comportamentos fraudulentos, representação de forma deturpada de si mesmo e, também, a invenção ou embelezamento ao relatar fatos (APA, 2014). Existe por parte de pessoas com tal característica uma preocupação com recompensas internas em uma tentativa de manter um bom autoconceito ou, ainda, em busca de recompensas externas (Mazar, Amir, & Ariely, 2008). A Desonestidade pode ser definida como um ato voluntário e intencional de

violação, seja por meio de transferência de propriedade ou de informações que geram prejuízo ao outro. Pode incluir o roubo, danos à propriedade e violação de regras (Scott, & Jehn, 1999).

Por sua vez, a Hostilidade é um comportamento que predispõe à agressividade (Lobbestael, Cima, & Arntz, 2013). Tem como características a presença de sentimentos de raiva frequentes ou persistentes. Quando é desprezado ou minimamente insultado, o indivíduo reage com raiva ou com irritabilidade e apresenta ainda comportamento maldoso, grosseiro ou vingativo (APA, 2014). O conceito de Hostilidade está muito próximo ao de raiva, que é entendida como uma emoção, enquanto a Hostilidade é compreendida e definida como uma predisposição a não gostar, desconfiar e interpretar o comportamento dos outros como egoísta e prejudicial (Miller, Smith, Turner, Guijarro, & Hallet, 1996). Em consequência de tais aspectos, a Hostilidade acarreta em um aumento na frequência de raiva e agressividade. Dessa forma, a raiva e a Hostilidade podem ativar um ao outro de maneira recíproca e motivar o indivíduo a um comportamento agressivo contra outras pessoas (Orth, & Wieland, 2006).

Ainda descrevendo os aspectos relacionados ao antagonismo e ao comportamento antissocial, é importante mencionar a agressividade, que é definida por um ato que tem como finalidade gerar danos físicos ou psicológicos a outras pessoas (Coie & Dodge, 1998). Para definir o tipo de agressividade deve-se levar em conta a motivação ou o interesse do agressor em causar danos à vítima. Desse modo, são elencados a Agressividade Reativa ou Impulsiva e a Agressividade Proativa ou Instrumental. A primeira diz está relacionada às reações impulsivas às provocações, associados aos sentimentos de raiva e frustração a uma provocação, ataque ou impedimento à realização de seus objetivos. A agressividade reativa está associada à rejeição pelo grupo de iguais, sintomas externalizados, baixo auto-controle e tendência à resolução de problemas de

forma hostil. Por sua vez, a agressividade proativa é deliberada em prol de um objetivo, ocorre em antecipação a respostas dos outros, é voluntário e influenciado por reforços externos. Está associada à delinquência, criminalidade e vitimização (Dodge & Coie, 1987).

Dos aspectos relacionados à Desinibição o primeiro a ser apresentado é a Exposição ao risco. Este traço diz respeito ao envolvimento do indivíduo em atividades consideradas prejudiciais, potencialmente perigosas sem levar em consideração as consequências. Engloba a propensão ao tédio e realização de atividades impensadas com o objetivo de contrapor ao tédio. Existe ainda uma negação da realidade do perigo pessoal, bem como uma ausência de preocupação com as próprias limitações (APA, 2014). A falta de preocupação com as consequências do envolvimento em riscos para as outras pessoas, e o interesse pelo risco, podem ajudar a manter uma elevada Exposição ao risco (West & Hall, 1997). De acordo com Gardner e Steinberg (2005), a Exposição ao risco diminui com o aumento da idade, sendo mais presente em adolescentes de 13 a 16 anos do que em adultos com idade superior a 24 anos. Também está associada a características individuais que podem levar a pessoa ao envolvimento em tais situações.

A Impulsividade, por sua vez, é considerada uma ação em resposta a estímulos que ocorrem de maneira imediata. É caracterizada por ser uma ação momentânea sem um plano ou sem levar em conta a consequência dos resultados. Dessa forma, existe uma dificuldade em estabelecer e seguir planos (APA, 2014). Como apontado por Pueyo (2003), o indivíduo está em algum momento da sua vida sujeito a tal comportamento, que é resultado da tentativa de conciliação de objetivos a longo prazo com o impulso de agir de modo imediato.

A Impulsividade é um traço de personalidade complexo caracterizado por uma elevada tendência a atuar sem pensar, pela diminuição da capacidade de concentração e

pela incapacidade para planejar atividades futuras (Orozco-Cabal, Barratt, & Buccello, 2007). As pessoas impulsivas agem sem considerar as consequências negativas de suas ações nem para si e nem para os demais. Desse modo, ao se pensar em uma conceituação que englobe as dimensões sociais da Impulsividade deve-se ponderar que ela, frequentemente, não acarreta consequências apenas para o sujeito, mas também para outras pessoas (Moeller, Barratt, Dougherty, Schmitz, & Swann, 2001).

O último aspecto a ser apresentado relacionado à Desinibição é a Irresponsabilidade. Este traço consiste na desconsideração e falha em honrar tanto com seus compromissos financeiros quanto com outras obrigações. Complementarmente, envolve também a falta de respeito e continuidade com obrigações que assumiu e promessas que fez (APA, 2014).

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como proposta a construção de um instrumento que possa preencher uma parte da lacuna em relação à avaliação do CAS no contexto brasileiro. O DSM-5 foi utilizado como base teórica e os indicadores da psicopatia apresentados na Seção-III (APA, 2014), acrescido da avaliação da agressividade (Burt, Donnellan, & Tackett, 2012).

A construção de um instrumento que avalie o CAS partindo do pressuposto do modelo dimensional do CAS como já evidenciado em estudos de análise taxométrica (Marcus et al., 2006; Walters, Diamond, Magaletta, & Duncan, 2008), poderá contribuir em investigações psicológicas em diversas situações. O conjunto de traços descritos como avaliativos do comportamento antissocial são comumente citados em estudos internacionais como os principais preditores de comportamentos infratores, bem como do envolvimento em acidentes de trânsito (Lucidi, et al., 2014; Mognon & Rueda, 2016; Santos et al., 2012). Desse modo, a avaliação do CAS no trânsito teria como foco os traços mais presentes e que melhor predizem a possibilidade de um indivíduo cometer infrações

e se envolver em acidentes, direcionando assim as campanhas de trânsito e possibilitando uma maior efetividade delas.

Uma revisão realizada no Scopus entre 2000 e 2011 teve como objetivo verificar a relação entre o envolvimento em infrações ou acidentes de trânsito e características da personalidade em motoristas (Santos et al., 2012). Foram selecionados e analisados 13 artigos que indicaram que a busca por emoções, ausência de normas, agressividade, hostilidade, raiva, sensibilidade à recompensa, dentre outros, eram alguns dos traços de personalidade descritos nos estudos que poderiam influenciar indiretamente os comportamentos dos motoristas. Os autores concluíram, então, que existem evidências sobre a necessidade e a importância de se avaliar os traços de personalidade em motoristas.

Tendo como base o estudo de Santos et al. (2012), foi realizado por Mognon e Rueda (2016) um levantamento sobre a relação entre traços de personalidade e comportamentos de risco no trânsito. Entre os aspectos citados, os que mais apareceram foram busca por emoção, impulsividade, hostilidade, ausência de normas e tendência em assumir riscos. Os autores destacaram ainda, a importância e a necessidade de estudos nacionais que aprofundem a temática da avaliação obrigatória da personalidade na obtenção e renovação da Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

Avaliação da personalidade no contexto do trânsito

A avaliação psicológica no trânsito gera subsídios importantes para a tomada de decisão em relação às condições de o indivíduo estar ou não apto para dirigir, o que remete a uma preocupação em agir de forma preventiva e preditiva. O objetivo seria, portanto, evitar que os motoristas exponham a si e aos outros a situações de perigo (Lamounier & Rueda, 2005).

Em relação às características que devem ser avaliadas, o CONTRAN, no Art. 5º

da resolução nº 425/2012, estabelece que na avaliação psicológica deverão ser mensurados os processos que envolvem a tomada de informação, que engloba os diferentes tipos de atenção (difusa, vigilância, sustentada, concentrada, dividida/distribuída/alternada), o processamento da informação (mensurado por meio de instrumentos que avaliem inteligência, memória, orientação espacial, julgamento ou juízo crítico), tomada de decisão, comportamento e traços de personalidade (principalmente os que dizem respeito a socialização e ausência de traços psicopatológicos) (CONTRAN, 2012). Recentemente, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou a Resolução nº 01/2019 que institui normas e procedimentos para a perícia psicológica no trânsito e revoga as resoluções nº 007/2009 e 009/2018. De acordo com a nova resolução, quanto aos traços de personalidade devem ser avaliadas agressividade, impulsividade e ansiedade. Esses traços são considerados os mínimos que devem ser avaliados de acordo com tal resolução o que vai ao encontro com a proposta da presente tese e a construção da E-Cant que permite uma avaliação de traços da personalidade além do que é solicitado pela resolução.

Diante das exigências relacionadas à legislação e a obrigatoriedade da avaliação psicológica para obtenção da CNH, é importante enfatizar a necessidade de mensurar aspectos psicológicos que possam colaborar para entender e evitar os altos índices de acidentes de trânsito no país (Santos et al., 2012). Algumas pesquisas relacionam traços de manipulação, insensibilidade, desonestidade, hostilidade, exposição ao risco, impulsividade e irresponsabilidade, que juntos caracterizam o aspecto antissocial (APA, 2014), bem como a agressividade e suas relações com o comportamento de risco no trânsito. Tais estudos serão descritos cronologicamente.

Um estudo realizado no Brasil analisou as relações entre os traços de personalidade e os comportamentos de risco no trânsito (Bartholomeu, 2008).

Participaram 74 universitários com idade entre 18 e 47 anos, sendo que 58,9% tinham até 22 anos e 58,1% eram homens. Do total 51,4 % nunca foram multados e 4,1% não tinham CNH. Os dados encontrados pelo autor indicaram que quanto mais irresponsável e negligente eram os condutores, maior a probabilidade de apresentarem comportamentos infratores no trânsito.

Um outro estudo teve como objetivo verificar as relações entre fatores da personalidade, atitudes em relação à segurança no trânsito e comportamentos de condução arriscada. Participaram 257 estudantes motociclistas taiwaneses, sendo 54,9% homens, com idade acima de 18 anos e 40,9% tinha entre um e dois anos de habilitação. Eles responderam especificamente, entre outros instrumentos, a *Normlessness Scale* que avalia a ausência de normas e uma escala de comportamento de condução de risco. Os resultados indicaram que a raiva ($\beta=0,22$, $t=2,48$), a busca por sensações ($\beta=0,19$, $t= 2,41$) e a ausência de normas ($\beta=0,32$, $t=4,91$) exercem influência significativa sobre a condução insegura, sendo esta última a maior (Chen, 2009).

Um estudo avaliou traços de personalidade e sua relação com o envolvimento em acidentes. Participaram 485 condutores italianos, com idade de 60 a 90 anos que tinham renovado sua habilitação nos últimos três anos. Foram utilizados como instrumentos o NEO-PI-R, uma escala que avalia a ausência de normas, atitudes positivas no trânsito, o QCM e ainda, o envolvimento em acidentes. Os resultados encontrados indicaram que busca por sensações explicou violações ($\beta=0,23$) e hostilidade previu lapsos ($\beta=0,29$) e erros de condução ($\beta=0,17$) (Lucidi et al., 2014).

Beanland, Sellbom e Johnson (2014) na tentativa de compreender quais traços de personalidade são mais preditivos de comportamentos de condução aberrantes conforme indicado pelo *Driver Behavior Questionnaire* (DBQ; Questionário do Comportamento do Motorista-QCM), avaliaram 285 estudantes, sendo 193 do sexo feminino, da

Universidade do Alabama. A média de idade dos participantes foi de 19,2 anos (DP = 2,2). Foram utilizados na avaliação o *Personality Inventory for DSM-5* (PID-5) e o QCM. Os autores encontraram correlações significativas entre erros e os fatores antagonismo ($r=0,27$; $p<0,05$) e desinibição ($r=0,41$; $p<0,05$) que são dimensões do comportamento antissocial. O fator violações apresentou correlações significativas com antagonismo ($r=0,34$; $p<0,05$) e desinibição ($r=0,25$; $p<0,05$). Ao verificar qual dos cinco fatores do PID-5 melhor predizem o DBQ os valores foram significativos para Afetividade Negativa ($\beta=0,32$; $p<0,001$), Antagonismo ($\beta=0,22$; $p<0,001$) e Desinibição ($\beta=0,17$, $p<0,01$), que juntos conseguiram prever 23% do QCM.

Mallia, Lazuras, Violani e Lucidi (2015) buscaram compreender quais traços de personalidade previam comportamentos de erros, lapsos e violações. A amostra foi de 301 motoristas de ônibus, com idades variando de 22 a 60 anos. Utilizaram instrumentos de personalidade (NEO-PI-R), uma escala que avalia atitudes positivas no trânsito, o QCM e o envolvimento em acidentes. Os resultados indicaram que a hostilidade previu violações ($\beta=0,28$; $p<0,05$) e erros ($\beta=0,17$; $p<0,05$). Os autores identificaram ainda, que o fator violações do QCM teve uma associação positiva com o elevado risco de acidentes ($\beta=0,36$; $p<0,05$). Também foram encontradas correlações positivas e significativas entre neuroticismo e hostilidade ($r=0,60$; $p<0,01$) e entre ausência de normas e busca por sensações ($r=0,26$; $p<0,01$).

A partir das considerações apresentadas, tem-se como objetivo a construção de uma escala que avalie o comportamento antissocial e que possa ser utilizada em diversos contextos, incluindo o do trânsito. É importante destacar que a construção de uma escala não esgota a investigação na área e tampouco se propõe a ser elemento chave para o controle e possível redução de acidentes. Atos antissociais no trânsito podem ser cometidos por qualquer pessoa, incluindo as pacíficas, legitimadas por algum pensamento

que lhe sirva como justificativa frente a diversas situações (Iglesias, 2008).

Desse modo, o objetivo principal foi construir uma escala que avalie o comportamento antissocial. Especificamente, foi utilizado o contexto do trânsito para buscar evidências de validade de critério e para tanto foram realizados três estudos. O primeiro refere-se a uma revisão integrativa a respeito de instrumentos que avaliam o comportamento antissocial em adultos afim de compreender os principais componentes de cada um. O Segundo foi sobre a construção dos itens e avaliação de conteúdo por juízes e a realização do estudo piloto considerando para tanto as dimensões antagonismo e desinibição e a agressividade. O terceiro buscou evidências de validade de critério com base no Questionário do Comportamento do Motorista (QCM) e no tipo de multas das pessoas com CNH.

Referências

- American Psychiatric Association ([APA]), (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais -DSM-5* (5ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Araújo, Á. C., & Neto, F. L. (2014). A nova classificação americana para os transtornos mentais – o DSM-5. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, XVI(1), 67–82.
- Baron, M. (2003). Manipulativeness. *American Philosophical Association*, 77(2), 37-54. doi:10.2307/3219740
- Bartholomeu, D. B. (2017). Traços de personalidade e comportamentos de risco no trânsito: Um estudo correlacional. *Psicologia Argumento*, 26(54), 193-206. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/19685/19013>
- Bottoms, A. E. (2006) Incivilities, offence and social order in residential communities, In A. von Hirsch & A. P. Simester (Eds), *Incivilities: regulating offensive behaviour*. Oxford: Hart Publishing.
- Bowers, L. (2003). Manipulation: description, identification and ambiguity, *Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing*, 10(3), 323–328. doi:10.1046/j.1365-2850.2003.00602.x
- Burt, S. A., Donnellan, M. B., & Tackett, J. L. (2012). Should social aggression be considered “antisocial”? *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 34(2), 153–163. doi:10.1007/s10862-011-9267-0
- Capaldi, D., & Patterson, G. (1991). Relation of parental transitions to boys' adjustment problems. I. Linear hypothesis. II. Mothers at risk for transitions and unskilled parenting. *Developmental Psychology*, 27(3), 489-504. doi:10.1037/0012-

1649.27.3.489

- Chabrol, H., Valls, M., Leeuwen, N. van, & Bui, E. (2012). Callous-unemotional and borderline traits in nonclinical adolescents: Personality profiles and relations to antisocial behaviors. *Personality and Individual Differences, 53*(8), 969-973. doi: 10.1016/j.paid.2012.07.017
- Chen, C. F. (2009). Personality, safety attitudes and risky driving behaviors—Evidence from young Taiwanese motorcyclists. *Accident Analysis & Prevention, 41*(5), 963-968.
- Coie, J. D., & Dodge, K. A. (1998). Aggression and antisocial behavior. In W. Damon & N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 779-862). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc.
- Constantinou, E., Panayiotou, G., Konstantinou, N., Loutsiou-Ladd, A., & Kapardis, A. (2012). Risky and aggressive driving in young adults: Personality matters. *Accident Analysis and Prevention, 43*(4), 1323-1331. doi: 10.1016/j.aap.2011.02.002
- Conselho Nacional de Trânsito (2012). *Resolução CONTRAN nº425/2012 de 27 de novembro de 2012*. Recuperado de [http://www.denatran.gov.br/download/Resolucoes/\(Resolu%C3%A7%C3%A3o%20425.-1\).pdf](http://www.denatran.gov.br/download/Resolucoes/(Resolu%C3%A7%C3%A3o%20425.-1).pdf)
- Cooke D. J., Michie C., Hart, S. D., Clark, D. A. (2004). Reconstructing psychopathy: Clarifying the significance of antisocial behavior in the diagnosis of psychopathic personality disorder. *Journal of Personality Disorders, 18*(4), 337-357. doi: 2004;18:337–356

- Dodge, K. A., & Coie, J. D. (1987). Social-information-processing factors in reactive and proactive aggression in children's peer groups. *Journal of personality and social psychology*, 53(6), 1146.
- Donovan, J. E., & Jessor, R. (1985). Structure of Problem Behavior in Adolescence and Young Adulthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53(6), 890–904. doi: 10.1037/0022-006X.53.6.890
- Farrington, D. P. (1995). The Twelfth Jack Tizard Memorial Lecture - The development of offending and antisocial behaviour from childhood: Key findings from the Cambridge study in delinquent development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1995.tb01342.x>
- Gardner, M., & Steinberg, L. (2005). Peer influence on risk taking, risk preference, and risky decision making in adolescence and adulthood: An experimental study. *Developmental psychology*, 41(4), 625.
- Gomez-Fraguela, J. A., & Gonzalez-Iglesias, B. (2010). The role of personality and anger in the explanation of youth women's risky driving behaviours. *Anales de Psicologia*, 26(2), 318-324. Recuperado de <https://revistas.um.es/analesps/article/view/109291>
- Hoffmann, M. H. (2005). Comportamento do condutor e fenômenos psicológicos. *Psicologia, pesquisa e trânsito*, 1(1), 17-24. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppet/v1n1/v1n1a04.pdf>.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Anton, M., & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 395–411. doi:10.1590/S0102-79721998000200015

- Iglesias, F. (2002). *Desengajamento moral: um estudo com infrações de trânsito*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ([IPEA]) (2015). *Acidentes de trânsito nas rodovias federais brasileiras: Caracterização, tendências e custos para a sociedade*. Recuperado de <https://www.prf.gov.br/portal/noticias/nacionais/prf-e-ipea-apresentam-relatorio-sobre-custos-sociais-em-acidentes-de-transito>
- Jesuino, A. D. S. A. & Rueda, F. J. M. (manuscrito submetido). Comportamento Antissocial: Identificação de instrumentos de avaliação por meio de revisão integrativa. *Avaliação Psicológica*.
- Kahn, R. E., Byrd, A. L. & Pardini, D. A (2013). Callous-unemotional traits robustly predict future criminal offending in young men. *Law Human Behavior*, 37(5), 87-97. doi: 10.1037/b0000003
- Kimonis, E. R., Frick, P. J., Skeem, J. L., Marsee, M. A., Cruise, K., Munoz, L. C., ... & Morris, A. S. (2008). Assessing callous–unemotional traits in adolescent offenders: Validation of the Inventory of Callous–Unemotional Traits. *International journal of law and psychiatry*, 31(3), 241-252. doi: 10.1016/j.ijlp.2008.04.002.
- Lamounier, R., & Rueda, F. J. M. (2005). Avaliação psicológica no trânsito: Perspectiva dos motoristas. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 6(1), 35-42. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v6n1/v6n1a05.pdf>
- Lau, K. S. L., & Marsee, M. A. (2013). Exploring Narcissism, Psychopathy, and Machiavellianism in Youth: Examination of Associations with Antisocial Behavior and Aggression. *Journal of Child and Family Studies*, 22(3), 355–367. doi:10.1007/s10826-012-9586-0

- Lobbestael, J., Cima, M., & Arntz, A. (2013). The relationship between adult reactive and proactive aggression, hostile interpretation bias, and antisocial personality disorder. *Journal of Personality Disorders*, 27(1), 53–66. doi:10.1521/pedi.2013.27.1.53
- Lucidi, F., Mallia, L., Lazuras, L., & Violani, C. (2014). Personality and attitudes as predictors of risky driving among older drivers. *Accident Analysis and Prevention*, 72, 318-324. doi: 10.1016/j.aap.2014.07.02
- Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., Edens, J. F., & Poythress, N. G. (2006). Is antisocial personality disorder continuous or categorical? A taxometric analysis. *Psychological Medicine*, 36, 1571–1581. doi: 10.1017/S0033291706008245
- Marreiros, L. (2018). *Homem efetua disparos contra jovem após briga de trânsito na Zona Leste de Teresina*. Recuperado de <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/homem-efetua-disparos-contrajovem-apos-briga-de-transito-na-zona-leste-de-teresina.ghtml>
- Mazar, N., Amir, O., & Ariely, D. (2008). The Dishonesty of Honest People: A Theory of Self-Concept Maintenance. *Journal of Marketing Research*, 45(6), 633–644. doi:10.1509/jmkr.45.6.633.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1997). Personality trait structure as a human universal. *American Psychologist*, 52(5), 509-516. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9145021>.
- Millie, A., Jacobson, J., Hough, M., & Paraskevopoulou, A. (2005). Anti-social behaviour in London: setting the context for the London Anti-Social Behaviour Strategy. Recuperado de <https://dspace.lboro.ac.uk/dspace-jspui/handle/2134/956>
- Millon, T., Simonsen, E., Birket-Smith, M., & Davis, R. D. (Eds.). (2002). *Psychopathy: Antisocial, criminal, and violent behavior*. Guilford Press.

- Miller, T. Q., Smith, T. W., Turner, C. W., Guijarro, M. L., & Hallet, A. J. (1996). A meta-analytic review of research on hostility and physical health. *Psychological Bulletin*, *119*(2), 322–48. doi: 10.1037/0033-2909.119.2.322
- Ministério da Saúde (2016). *Dados sobre vítimas fatais no trânsito*. Recuperado de http://vias-seguras.com/os_acidentes_do_ministerio_da_saude.
- Moeller, F. G., Barratt, E. S., Dougherty, D. M., Schmitz, J. M., & Swann, A. C. (2001). Psychiatric Aspects of Impulsivity. *American Journal of Psychiatry*, *158*(11), 1783-1793. doi:10.1176/appi.ajp.158.11.1783
- Mognon, J. F., & Rueda, F. J. M. (2016). Avaliação da personalidade no contexto do trânsito: revisão de literatura. *Avaliação Psicológica*, *15*(n. esp), 33-43. doi:10.15689/ap.2016.15ee.04
- Oliveira, L. H. & Seviere, D. (2018). *Mulher entra na contramão e apanha em briga de trânsito no Tarumã*. Recuperado de <https://gmconline.com.br/noticias/parana/mulher-entra-na-contramao-e-apanha-em-briga-de-transito-video>
- Orozco-Cabal, L. F., Barratt, E. S., & Buccello, R. R. (2007). Implicaciones para el estudio de la neurobiología de la experiencia consciente. El Acto Impulsivo. *Revista Latinoamericana de Psicología*, *39*(1), 109-126. Recuperado de www.scielo.org.co/pdf/rlps/v39n1/v39n1a08.pdf
- Orth, U., & Wieland, E. (2006). Anger, hostility, and posttraumatic stress disorder in trauma-exposed adults: A meta-analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *74*(4), 698–706. doi:10.1037/0022-006X.74.4.698
- Pueyo, A.A. (2003). Evaluación de la impulsividad y riesgo em el uso de armas de fuego em policías y fuerzas de seguridad. Recuperado em 15 de fevereiro de 2014 de <http://www.raco.cat/index.php/RCSP/article/view/130953/180719>

- Reidy, D. E., Zeichner, A., Foster, J. D., & Martinez, M. A. (2008). Effects of narcissistic entitlement and exploitativeness on human physical aggression. *Personality and Individual Differences, 44*(4), 865–875. doi:10.1016/j.paid.2007.10.015
- Santos, P. L., Boff, R. M., & Konflanz, S. S. (2012). Relevância da avaliação obrigatória de traços de personalidade em motoristas. *Psicologia: Teoria e Prática, 14*(3), 101-110. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v14n3/v14n3a08.pdf>
- Scott, E. D., & Jehn, K. A. (1999). Ranking Rank Behaviors: A Comprehensive Situation-Based Definition of Dishonesty. *Business & Society, 38*, 296–325. doi:10.1177/000765039903800304
- Silva, F. H. V. D. C., & Alchieri, J. C. (2007). Avaliação psicológica da personalidade de condutores: uma revisão de literatura. *PsicoUSF, 12*(2), 189-196. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712007000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Skeem, J. L., Miller, J. D., Mulvey, E., Tiemann, J., & Monahan, J. (2005). Using a five-factor lens to explore the relation between personality traits and violence in psychiatric patients. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(3), 454–65. doi:10.1037/0022-006X.73.3.454
- Swann, A. C., Lijffijt, M., Lane, S. D., Kjome, K. L., Steinberg, J. L., & Moeller, F. G. (2011). Criminal conviction, impulsivity, and course of illness in bipolar disorder. *Bipolar disorders, 13*(2), 173-181. doi:10.1111/j.1399-5618.2011.00900.x
- Thomas, K. M., Yalch, M. M., Krueger, R. F., Wright, A. G., Markon, K. E., & Hopwood, C. J. (2013). The convergent structure of DSM-5 personality trait facets and five-factor model trait domains. *Assessment, 20*(3), 308-311. doi:10.1177/1073191112457589

- Waiselfisz, J. J. (2014). Mapa da Violência – Os Jovens do Brasil. Brasília, 2014.
Recuperado de <http://www.mobilizadores.org.br/textos/mapa-da-violencia-2014-osjovens-brasil-2/?eixo=cidadania>
- Walters, G. D., Brinkley, C. A., Magaletta, P. R., & Diamond, P. M. (2008). Taxometric analysis of the Levenson Self-Report Psychopathy scale. *Journal of Personality Assessment, 90*(5), 491–498. doi:10.1080/00223890802248828.
- West, R., & Hall, J. (1997). The role of personality and attitudes in traffic accident risk. *Applied Psychology, 46*(3), 253-264. doi: 10.1111/j.1464-0597.1997.tb01229.x
- Whitbourne, S. K., & Halgin, R. P. (2015). Transtornos da Personalidade. In Whitbourne, S. K. & Halgin, R. P. (Orgs.), *Psicopatologia: perspectiva clínica dos transtornos psicológicos*. (pp.349-375). 7ª Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Wright, A. G. C., Thomas, K. M., Hopwood, C. J., Markon, K. E., Pincus, A. L., & Krueger, R. F. (2012). The Hierarchical Structure of DSM-5 Pathological Personality Traits. *Journal of Abnormal Psychology, 121*(4), 951–957. doi:10.1037/a0027669

Artigo 1

Manuscrito Submetido

Comportamento Antissocial: identificação de instrumentos de avaliação por meio de revisão integrativa

Resumo: O comportamento antissocial (CAS) é compreendido por três perspectivas: a psiquiátrica, violações de normas e regras e tendências agressivas. O CAS é caracterizado por traços Antagônicos (Agressividade, Manipulação, Insensibilidade, Desonestidade e Hostilidade) e de Desinibição (Exposição ao risco, Impulsividade e Irresponsabilidade). O número de instrumentos que avaliam o CAS em adultos é desconhecido. O objetivo deste estudo foi identificar os instrumentos que avaliam o CAS por meio de uma revisão integrativa nas bases Psyc, Scielo e o portal de Periódicos da CAPES. Foram encontrados 23 instrumentos, cinco brasileiros e 18 internacionais. Dos brasileiros, apenas dois tem o CAS como foco, majoritariamente, traços de Antagonismo, e quatro internacionais que mensuram, principalmente, a Desinibição. Além disso, conclui-se que as escalas não contemplem os três aspectos considerados relevantes na avaliação do comportamento antissocial.

Palavras-chave: teste psicométrico; avaliação psicológica; comportamento antissocial; personalidade

Abstract: The Antisocial Behavior (ASB) is understood from three different perspectives: psychiatric, violations of rules and regulations and aggressive tendencies. ABS is characterized by Antagonism traits (Aggressivity, Manipulation, Callous, Dishonesty and Hostility) and Disinhibition (Risk Taking, Impulsivity, Irresponsibility). The number of instruments that assess ASB in adults are unspecified. The aim of the study was to do check instruments for assessment the ASB by means of an integrative review in databases Psyc, Scielo and Periódicos CAPES. In the search was found 23 instruments, five Brazilians and 18 internationals. Of Brazilians, only two have the ASB as focus, assessing mainly Antagonism traits, and regarding the internationals, were found four instruments assessing ASB, focusing mainly on Disinhibition traits. Moreover, these scales do not contemplate the three perspectives to assess antisocial behavior.

Keywords: psychometric test; assessment psychological, antisocial behavior; personality

Resumen: El Comportamento Antisocial (CAS) és comprendido por tres perspectivas: psiquiátrica, violaciones de las normas y reglas y tendencias agresivas. El CAS és caracterizado por rasgos Antagonicos (Agressividad, Manipulación, Insensibilidad, Desonestidad e Hostilidad) e de Desinibición (Exposición al Riesgo, Impulsividad y Iresponsabilidad). El numero de pruebas que evaluan el CAS en adultos és desconocido. El objetivo de este estudio fue verificar las pruebas que evaluan el CAS por medio de una revisión integrativa en las bases Psyc, Scielo y Portal de Periódicos CAPES. Fueran encontrados 23 pruebas, cinco brasileñas y 18 internacionales. De las pruebas brasileñas, solamente dos tienen el CAS como foco, mayoritariamente, rasgos de Antagonismo, y cuatro internacionales que evaluan, principalmente, la Desinibición. Además, las pruebas no contengan las tres perspectivas de evaluación del comportamiento antissocial.

Palabras clave: prueba psicométrica; evaluación psicológica; comportamiento antissocial; personalidad

Introdução

O comportamento antissocial diz respeito a um conjunto de ações que tem como premissa a violação de normas e regras que causam prejuízo ao indivíduo e aos outros (Donovan & Jessor, 1985). Além disso, pode ser compreendido por tendências agressivas, especificamente reativas e proativas, que levam o indivíduo a comportar-se de maneira antagonista (Burt, Donnellan, & Tackett, 2012) e apresentam altos traços de manipulação, impulsividade e busca por sensações (Lynam, Leukefeld, & Clayton, 2003).

Essa ideia é reforçada ao se analisar o comportamento antissocial como característica de alguns transtornos (Freestone, Howard, Coid, & Ullrich, 2013; Lau & Marsee, 2013) e que o mesmo pode ser compreendido por meio do modelo alternativo, proposto na quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-5*). Esse modelo propõe a avaliação da personalidade com base em cinco dimensões, a saber, a Afetividade Negativa, Distanciamento, Antagonismo, Desinibição e Psicoticismo. A partir de tal perspectiva, o modelo de avaliação do comportamento antissocial é formado pelos domínios Desinibição e Antagonismo. O primeiro engloba os traços de Exposição ao risco, Impulsividade e Irresponsabilidade. O Antagonismo, por sua vez, engloba os traços de Manipulação, Insensibilidade, Desonestidade e Hostilidade (*American Psychiatric Association [APA], 2014*).

Os fatores descritos como antissociais podem ser compreendidos por meio de três perspectivas, a saber, violação de normas e regras (1), agressividade (2) e a patológica/psiquiátrica (3) (Rhee & Waldman, 2002). A primeira remete a comportamentos que tem como intuito quebrar regras e normas sociais causando prejuízo ao indivíduo e à sociedade em que ele vive. A segunda está diretamente relacionada com a primeira, sendo a agressividade considerada uma preditora da violação de regras e leis

(Stattin & Magnusson, 1989). A terceira vertente diz respeito ao funcionamento mal-adaptativo da personalidade (APA, 2014). Considerando os aspectos mencionados, é importante que os instrumentos utilizados na avaliação de tal comportamento compreendam as três perspectivas, pois isso permite uma mensuração mais precisa e concisa do construto.

Em uma pesquisa não sistemática realizada por Granjeiro (2014), foram elencados alguns dos principais instrumentos internacionais de autorrelato utilizados na avaliação de comportamentos antissociais. Foram citados oito instrumentos internacionais que avaliavam primordialmente o comportamento delitivo (7) e comportamento agressivo (1). O autor concluiu que, apesar da existência desses instrumentos, ainda são escassos estudos que se propõem a construir medidas de avaliação do comportamento antissocial.

Por sua vez, a pesquisa realizada por Hauck Filho, Salvador-Silva e Teixeira (2014) indicou os principais instrumentos brasileiros utilizados na avaliação do comportamento antissocial, embora esse não fosse o objetivo da pesquisa. Os autores listaram cinco instrumentos, sendo que um deles avaliava agressividade, enquanto os outros mensuravam aspectos relacionados a violação de normas e delinquência. Cabe destacar que um dos instrumentos citados na pesquisa, também foi mencionado por Granjeiro (2014).

Frente ao exposto, a identificação desses instrumentos permite a verificação de qual das três vertentes é mais utilizada na construção dos instrumentos e, conseqüentemente, a mais investigada. É importante mencionar que a presença de uma vertente como principal aspecto avaliado não exclui a existência de outra, levando-se em consideração a complexidade do construto. Além disso, deve-se considerar que alguns indivíduos apresentam comportamentos mais relacionados a falta de controle de impulsos (Lynam, et al., 2003; Wallace, Malterer, & Newman, 2009), enquanto outros apresentam

comportamentos predominantemente antagônicos e/ou agressivos (Jones, Miller, & Lynam, 2011), ou ainda, a presença extrema dos dois tipos (APA, 2014), destacando a relevância de instrumentos que considerem as três perspectivas. Desse modo, o presente artigo teve como objetivo identificar e analisar os instrumentos de autorrelato, nacionais e internacionais, que avaliam o comportamento antissocial em adultos a partir das três vertentes explicativas do construto em questão. Isso auxiliaria o entendimento para a escolha do instrumento a ser utilizado de acordo com a vertente, o contexto e o histórico de vida do sujeito (Tavares, 2012).

Método

Em Junho de 2018 foi realizada uma busca sistematizada, sem delimitação de data, para verificar quais instrumentos existem no Brasil e internacionalmente para avaliar o comportamento antissocial em adultos. Para a busca brasileira foram utilizadas as bases de dados SciELO e PePSIC, levando-se em consideração todos os índices dos campos de procura. Foram utilizadas como palavras-chave “comportamento antissocial” and “escala” e “comportamento anti-social” and “escala”, mas não foram encontrados artigos. Uma nova busca foi realizada no SciELO e PePSIC, e foram utilizadas como palavras-chave “comportamento antissocial” ou “comportamento anti-social” (comportamento antissocial OR comportamento anti-social).

Para os instrumentos internacionais que avaliam o comportamento antissocial, ou que o tenham como um de seus fatores, foi realizada uma busca avançada por assunto no portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal). Utilizou-se como palavras-chave “antisocial behavior OR antisocial behaviour” AND “scale OR self-report OR instrument” AND “evaluation OR assessment OR measure” em periódicos revisados por pares. Foram lidos título, resumo e palavras-chave com o objetivo de realizar uma triagem considerando todos os artigos que utilizaram inventários, escalas ou

índices, que tinham o comportamento antissocial avaliado como foco ou como fator do instrumento.

Resultados

A busca resultou em 753 artigos, sendo 16 oriundos das bases brasileiras e 737 das internacionais. Foram excluídos os artigos da área médica, estudos de caso e de intervenção sem a utilização de instrumentos psicológicos. Para fins de compreensão, serão apresentados inicialmente os resultados da busca nas bases brasileiras e posteriormente da internacional.

Em relação aos dados brasileiros, foram encontrados 7 artigos no SciELO e 9 no PePSIC. Desse total, um estava duplicado, 3 não citaram instrumentos que avaliassem o comportamento antissocial, 1 era uma pesquisa documental e 8 eram sobre o comportamento antissocial em crianças. Foram lidos 3 artigos na íntegra o que permitiu a identificação de três escalas que avaliam condutas e aspectos relacionados ao comportamento antissocial, a saber, a Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD), a Escala de Avaliação da Tendência à Agressividade (EATA) e o Instrumento Breve de Avaliação de Comportamentos Antissociais. Além disso, uma pesquisa *hand search* em busca de publicações na literatura cinzenta, permitiu a identificação do *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R) e da Escala de Comportamento Antissocial (ECA). Essas escalas podem ser observadas na Tabela 1 e descritas posteriormente.

Tabela 1
Escalas disponíveis no Brasil para avaliação do comportamento antissocial em adultos

Escala	O que avalia	Ano de publicação da escala	Público Alvo Dimensões/Fatores	Itens
1-ECAD	Condutas antissociais e delitivas	2003	Adolescentes e jovens adultos 2	40 itens
2-PCL-R	Psicopatia	1991;2003/ 2004	Adultos 1 a 5	17 itens
3-EATA	Tendência a agressividade	2012	Adultos 3	40 itens
4-Instrumento Breve de Avaliação de Comportamentos Antissociais	Comportamento antissocial	2014	Adultos 1	13 itens
5-ECA	Comportamento antissocial	2014	Adultos 2	36 itens

Como evidenciado na Tabela 1, os instrumentos foram validados para a população brasileira entre os anos 2003 a 2014. A primeira é a Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD), que foi adaptada para o Brasil por Formiga (2003) com base no *Cuestionário de Conductas Antisociais-Delictivas de Seisdedos* (1988), da Espanha. É uma escala de autorrelato para adolescente e jovens adultos, com 40 questões do tipo Likert de 10 pontos (0=nunca a 9=sempre). Possui dois fatores denominados condutas antissociais e condutas delitivas. O primeiro refere-se a comportamentos que não expressam delitos, contudo desafiam a ordem social e infringem normas (e.g. tocar a campainha na casa de alguém e sair correndo, jogar lixo no chão, mesmo quando há perto um cesto de lixo). O segundo fator engloba comportamentos fora da lei que são caracterizados como uma conduta faltosa, infratora, gerando um prejuízo a alguém ou mesmo à sociedade como um todo (e.g. conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas, roubar objetos dos carros). A ECAD apresentou um alfa de 0,86 para o fator condutas antissociais, de 0,92 para o fator condutas delitivas e de 0,92 para as condutas desviantes (somatório de todos os itens) e valores que confirmaram o modelo fatorial

encontrado ($\chi^2/gf = 1,35$; AGFI = 0,89; PHI (φ) = 0,79, $p > 0,05$).

O Psychopathy Checklist Revised (PCL-R), de autoria de Robert D. Hare, avalia psicopatia e o risco de reincidência criminal, e sua versão brasileira foi validada por Morana (2004). É uma entrevista semiestruturada que tem como base de respostas uma escala tipo Likert de três pontos variando de não se aplica a definitivamente presente. Os itens avaliam traços de manipulação, falta de remorso ou de culpa, delinquência juvenil, falta de metas realistas em longo prazo, além de outros aspectos. Há controvérsias na literatura quanto a sua estrutura fatorial, sendo encontrados até 11 modelos diferentes. Contudo, a mais aceita é a que afirma que 17 itens do instrumento são explicados por dois fatores oblíquos e quatro facetas, sendo o fator 1 que avalia aspectos interpessoais e afetivos, e o fator 2, características impulsivas e antissociais (Hare, 2003). No estudo de adaptação o PCL-R apresentou uma sensibilidade de 84,8% e especificidade de 100% quando comparado com o Rorschach, em pessoas com transtorno e sem transtorno da personalidade e psicopatia, e valor de $Kappa=0,87$ (Morana, 2004).

Por sua vez, em 2012, foi publicada por Sisto a Escala de Avaliação de Tendência à Agressividade (EATA) em adultos. Contudo, os estudos com a escala tiveram início em 2005 e ela tem como base as descrições de transtornos de conduta do CID-10 e do DSM-IV. A EATA é composta por 40 itens sobre condutas agressivas, respondidos por meio de uma escala tipo Likert de três pontos, sendo zero para raramente ou nunca, 1 para às vezes e 2 se for muito frequente. É formada por três subescalas, a saber, a subescala A (10 itens) que avalia condutas comuns a ambos os sexos; a B (14 itens) que são mais comuns ao sexo feminino e a C (16 itens) mais comuns ao sexo masculino, além da pontuação total da escala. Na versão feminina foram encontrados como fatores a Irritabilidade ($\alpha = 0,80$), Condutas Manipuladoras ($\alpha = 0,70$) e Condutas Antissociais ($\alpha = 0,69$); e, na masculina, quatro fatores, sendo: Condutas Antissociais ($\alpha = 0,78$),

Irresponsabilidade ($\alpha = 0,77$), Condutas Manipuladoras ($\alpha = 0,65$) e Inescrupulosidade ($\alpha = 0,59$) (Sisto, Bartholomeu, Santos, Rueda, & Suehiro, 2008).

Hauck Filho et al. (2014) construíram um Instrumento Breve de Avaliação de Comportamentos Antissociais para adultos e para o uso em pesquisas composto por 13 itens que representam um fator geral da antissocialidade. Quanto maior a pontuação maior é a probabilidade de o indivíduo apresentar hostilidade, antagonismo, baixa cooperação e agressão em diversas situações. É importante enfatizar que o instrumento possui itens que representam o extremo superior da variável e também pode ser utilizado em uma população que apresente altos níveis de antissocialidade, como é o caso da população carcerária. A escala apresentou um alfa de 0,92.

Apesar não estar publicada em formato de artigo, a Escala de Comportamentos Antissociais (ECA), que foi construída com base em 22 escalas de diversos países. Isso foi realizado por Granjeiro (2014), para fazer com que os itens operacionalizassem o CAS e apresentassem consistência teórica em diferentes países e culturas. Os itens contemplam comportamentos antissociais que avaliavam desde aspectos mais leves (e.g. má conduta escolar, oposição a figuras de autoridade) aos mais severos (e.g. roubo, agressão). A análise fatorial da versão final da escala ficou com 36 itens, que explicaram 32% da variância total e com índices de consistência interna de 0,87 para o fator Antissociais Leves, e de 0,88 para os Antissociais Severos. A variância extraída no fator Antissociais Leves foi de 0,43, que é abaixo do esperado de 0,50, como apontado pelo autor.

No que se refere aos instrumentos internacionais, a triagem resultou em 172 artigos que foram lidos na íntegra. Foram excluídos 123 artigos que não faziam parte do escopo da busca e permitiram a identificação de 18 instrumentos disponíveis em 49 artigos. Posteriormente, foi realizada uma nova busca na tentativa de obter informações sobre os instrumentos levando em consideração as informações dos fatores apresentadas

pelos autores dos mesmos e os valores de precisão. Os instrumentos encontrados podem ser observados na Tabela 2 e posteriormente serão descritos.

Tabela 2.

Apresentação dos instrumentos da busca internacional, descrição do que avaliam e sua estrutura fatorial

Instrumento	O que avalia	População para a qual foi construída	Itens/fatores
1. <i>Multidimensional Personality Questionnaire (MPQ)</i>	Personalidade	Adolescentes	58 itens ao total; 34 itens sobre antissocialidade
2. <i>Millon Clinical Multiaxial Inventory-II (MCMI-II)</i>	Transtornos de personalidade	Triagem e diagnóstico em adultos	175 itens ao total; Subescala que avalia conduta antissocial e agressiva
3. <i>California Psychological Inventory (CPI)</i>	Personalidade		54 itens de socialização que avaliam comportamentos prósociais e antissociais
4. <i>Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R)</i>	Psicopatia	Adultos em contexto forense	20 itens; Fator 1: Aspectos Afetivos e interpessoais Fator 2: Estilo de vida e comportamentos antissociais
5. <i>Personality Assessment Inventory (PAI)</i>	Psicopatologia, personalidade e ambiente psicossocial.	Adultos	334 itens; Subescala Antissocial <i>Feature</i> : 24 itens;
6. <i>Personality Diagnostic Questionnaires-4 (PDQ-4)</i>	Transtornos de personalidade	Adultos	99 itens; Transtorno de personalidade antissocial: 22 itens
7. <i>Antisocial Action Scale (AAS)</i>	Comportamento prósocial e antissocial	Específico para estudantes	24 itens; Fator 1: Comportamento Prósocial Fator 2: Comportamento Antissocial
8. <i>Psychopathy Checklist Screening Version (PCL-SV)</i>	Psicopatia	Adultos em contexto forense	12 itens; Fator 1: Distanciamento emocional Fator 2: Comportamento Antissocial
9. <i>Levenson Self-Report Psychopathy (LSRP)</i>	Psicopatia	Adultos	26 itens ao total; fator 1 antagonismo e estilo interpessoal: 16 itens Fator 2 emoções negativas e desinibição: 10 itens
10. <i>Psychopathic Personality Inventory (PPI)</i>	Psicopatia	Adultos	187 itens; PPI-I: destemor PPI-II: impulsividade antissocial

(continua)

Tabela 2. (continuação)

Apresentação dos instrumentos da busca internacional, descrição do que avaliam e sua estrutura fatorial

11. <i>Antisocial Process Screening Device</i> (APSD)	Extensão do PCL-R e avalia traços de psicopatia	Crianças e adolescentes e posteriormente Adultos	Fator 1 insensibilidade e frieza: 6 itens Fator 2 narcisismo: 7 itens Fator 3 impulsividade: 5 itens
12. <i>Comprehensive Misconduct Inventory</i> (CMI)	Comportamentos antissociais	Adultos	58 itens; Fator 1: crimes menores (10 itens) Fator 2 crimes graves (10 itens) Fator 3: <i>bullying</i> (8 itens) Fator 4: comportamentos contra figuras de autoridades(8 itens) Fator 5: mau comportamento no trânsito (7 itens) Fator 6: abuso brando de drogas (8 itens) Fator 7: abuso grave de drogas (6 itens).
13. <i>Self-Report Psychopathy Scale-III</i> (SRP-III)	Avalia psicopatia	Adultos da população Geral	64 itens; Fator 1: manipulação interpessoal Fator 2: frieza afetiva Fator 3: estilo de vida Fator 4: tendências criminosas e antissociais
14. <i>Prosocial and Antisocial Behaviour</i> (PABSS)	Comportamento prósocial e antissocial no esporte	Atletas	20 itens; Fator 1: Comp. Antiss. Em relação aos oponentes (8 itens) Fator 2: Comp. Antiss. Relação aos colegas de equipe (5 itens) Fator 3: Comportamento Prósocial para com os oponentes (3 itens) Fator 4: Comportamento Prósocial com os colegas de equipe (4 itens).
15. <i>Subtypes of Antisocial Behavior Questionnaire</i> (STAB)	Subtipos de comportamentos antissociais	População Geral e Adultos em liberdade Condicional	32 itens; Fator 1: agressão física (10 itens) Fator 2: agressão social (11 itens) Fator 3: quebra de regras (11 itens)
16. <i>Short Form of the Coolidge Axis II Inventory</i> (SCATI)	Transtornos de personalidade	Adultos	70 itens; Subescala de personalidade antissocial (5 itens)

(continua)

Tabela 2. (continuação)

Apresentação dos instrumentos da busca internacional, descrição do que avaliam e sua estrutura fatorial

17. <i>Triarchic Psychopathy Measure (TRIPM)</i>	Psicopatia	Adultos	58 itens; Fator 1: <i>meanness</i> Fator 2: desinibição Fator 3: ousadia
18. <i>Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2 (MMPI-II-RF)</i>	Transtornos de personalidade	Adultos	338 itens; Subescala de comportamento antissocial (RC4 abs): 22 itens

Os 18 instrumentos avaliam psicopatia, comportamento antissocial, e transtornos da personalidade de forma geral. Dos instrumentos citados, o PCL-R foi o mais utilizado (24 vezes), seguido da Escala *Antisocial Features* do PAI (11 vezes). O PCL-SV e a LSRP foram usados na mesma quantidade (4 vezes cada) e os demais instrumentos apareceram no máximo duas vezes. Todos os instrumentos apresentados na Tabela 2 serão descritos a seguir, por ordem cronológica.

O *Multidimensional Personality Questionnaire* (MPQ; Tellegen, 1982) é uma medida que avalia os domínios de personalidade destemido (24 itens) e impulsividade antissocial (34 itens) em adolescentes. Os itens são respondidos como verdadeiros ou falsos. Contudo, foi encontrado um estudo que utilizou o MPQ em adultos, com valores de alfa de 0,78 para o primeiro fator e de 0,84 para o segundo (Witt & Donnellan, 2008).

O *Millon Clinical Multiaxial Inventory-II* (MCMI-II-RF; Millon 1987) é uma versão reestruturada (Ben-Porath, 2012) do MCMI-II. É uma medida para auxiliar na triagem e diagnóstico clínico de 22 transtornos de personalidade e síndromes clínicas em adultos, respondidas como verdadeiro ou falso. Os autores indicam que a escala evidencia traços de personalidade antissocial e que foi construída com base nos Eixos I e II do DSM-III-R. A subescala antissocial-agressiva (6A) avalia especificamente aspectos relacionados a imprudência, impulsividade, ausência de culpa ou remorso, irresponsabilidade e violações do direito dos outros. O índice de precisão encontrado foi

considerado aceitável ($\alpha=0,61$).

A *California Psychological Inventory* (CPI; Gough, 1994) é considerada um bom preditor na propensão ao comportamento antissocial. É formada por 480 itens, distribuídos em 20 subescalas, sendo a escala de Socialização composta por 54 itens que avaliam um *continuum* de comportamentos prossociais e antissociais. Os comportamentos antissociais avaliam aspectos como delinquência, impulsividade e alcoolismo, entre outros. A subescala apresentou um bom valor de consistência interna ($\alpha=0,82$).

O *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R; Hare, 1991, 2003) é uma lista de verificação que foi construída para avaliar a psicopatia em contextos clínico, forense e para pesquisa. É composta por 20 itens divididos em dois fatores. O primeiro diz respeito aos aspectos afetivos e interpessoais, e o segundo avalia o estilo de vida e comportamentos antissociais, ambos, apresentaram bons índices de consistência interna (0,84 e 0,79 respectivamente). Também foi encontrada a versão de rastreio do instrumento denominada PCL: SV (Hart, Cox, & Hare, 1995) que tem como base 12 itens do PCL-R e apresentou a mesma estrutura fatorial com bons valores de precisão, sendo o fator 1 ($\alpha=0,81$) responsável por avaliar aspectos relacionados ao distanciamento emocional, enquanto o fator 2 ($\alpha=0,75$) avalia comportamento antissocial. O conjunto total de itens também apresentou um bom valor de precisão de 0,84 (Douglas, Strand, Belfrage, Fransson, & Levander, 2005). Nas duas versões citadas o estilo de resposta é uma escala tipo Likert de 3 pontos sendo 0 para quando o item não descreve o indivíduo, 1 se aplica a alguns aspectos e 2 quando ele é consistente com o comportamento do indivíduo.

O *Personality Assessment Inventory* (PAI), desenvolvido por Morey (1991), avalia aspectos relacionados a psicopatologia, personalidade e ambiente psicossocial. É composto por 344 itens de autorrelato, respondidos em uma escala Likert de 4 pontos

(0=totalmente falso a 3=muito verdadeiro) e subdividida em 22 escalas. Uma delas é a *Antisocial Features* (ANT), que é formada por 24 itens que avaliam a sintomatologia do transtorno de personalidade antissocial, psicopatia e egocentricidade (insensibilidade, ausência de remorso) (Douglas, Guy, Edens, Boer, & Hamilton, 2007). Os valores de alfa encontrados para a subescala variaram de 0,78 a 0,85.

O Personality Diagnostic Questionnaires-4 (PDQ-4) (Hyler, 1994) é uma escala de autorrelato composta por 99 itens de escolha forçada (verdadeiro ou falso). Esta escala avalia 11 transtornos de personalidade, dentre eles o Antissocial que é mensurado por meio de 22 itens, um para cada critério diagnóstico do Eixo II do DSM-IV. A escala apresentou um bom valor de precisão ($\alpha=0,85$) (Marcus, Lilienfeld, Edens, & Poythress, 2006). Além disso, pode servir como uma escala de rastreio em amostras prisionais (Abdin et al., 2011).

A *Antisocial Action Scale* (AAS) (Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995) é uma escala que avalia comportamentos pró-social e antissocial típicos em alunos, como por exemplo: “deixo os alunos fotocopiarem minhas aulas” (pró-social) e “burlar exames” e “plágio” (antissocial). É formada por 24 itens que são respondidos em uma escala em 4 pontos (1= nunca a 4=feito com frequência). A escala apresentou um bom índice de precisão ($\alpha=0,70$) (Elwood, Poythress, & Douglas, 2004).

A *Levenson Self-Report Psychopathy* (LSRP; Levenson et al., 1995) é uma escala de autorrelato que avalia psicopatia por meio de 26 itens respondidos em uma escala Likert de quatro pontos variando de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente). O fator 1 diz respeito ao antagonismo e estilo interpessoal e o fator 2 está mais relacionado a emoções negativas e desinibição. A escala apresenta bons valores de precisão tanto em relação aos 26 itens ($\alpha=0,83$), quanto ao fator 1 (16 itens; $\alpha=0,82$) e aceitável em relação ao fator 2 (10 itens; $\alpha=0,61$) como evidenciado em outros estudos (ex.: Hicklin &

Widiger, 2005).

O *Psychopathic Personality Inventory* (PPI; Lilienfeld & Andrews, 1996) é um instrumento de autorrelato que tem como objetivo avaliar a psicopatia por meio de 187 itens, respondidos em uma escala de quatro pontos (1=falso a 4=verdadeiro). Eles são divididos em oito subescalas, que não apresentavam itens que abordavam comportamentos antissociais. Contudo, evidenciou-se uma sobreposição das subescalas que avaliam dois fatores. O PPI-I estaria relacionado ao destemor e o fator PPI-II à impulsividade antissocial ou ainda, a presença de um terceiro fator que avalia, além dos dois mencionados anteriormente, a frieza. O PPI total apresentou um valor de alfa aceitável ($\alpha=0,91$) (Neumann, Malterer, & Newman, 2008).

O *Antisocial Process Screening Device* (APSD) é uma extensão do *Psychopathy Checklist-Revised* para avaliar traços de psicopatia em crianças e adolescentes, que pode ser respondido por pais ou professores. Contudo, foi encontrado um estudo em que a escala foi utilizada na população adulta (Pechorro, Maroco, Poiares, & Vieira, 2013). É composta por 18 itens que avaliam três fatores, a saber, Traços de Insensibilidade e Frieza (6 itens; $\alpha=0,56$), Narcisismo (7 itens; $\alpha=0,68$) e Impulsividade (5 itens; $\alpha=0,47$) que representam os domínios interpessoal, afetivo e impulsivo da psicopatia respondidos em uma escala Likert de três pontos. O alfa total foi de 0,75 e os índices de ajuste encontrados indicaram uma boa adequação do modelo de três fatores ($\chi^2=3233$; $df=132$; AIC=2969; CFI=0,97; RSMEA=0,030) (Frick, Bodin, & Barry, 2000).

Outro instrumento de autorrelato que avalia comportamentos antissociais é o *Comprehensive Misconduct Inventory-CMI* (Paulhus & Williams, 2002), que investiga desde pequenas condutas inapropriadas a delitos severos. É composto por 58 itens ($\alpha=0,87$) que avaliam sete fatores, a saber, (1) crimes menores como furtos (10 itens; $\alpha=0,74$), (2) crimes graves como roubos de carro (10 itens; $\alpha=0,69$), (3) *bullying* (8 itens;

$\alpha=0,49$), (4) comportamentos contra figuras de autoridades (8 itens; $\alpha=0,46$), (5) mau comportamento no trânsito como excesso de velocidade (7 itens; $\alpha=0,62$), (6) abuso brando de drogas (8 itens; $\alpha=0,60$) e (7) abuso grave de drogas (6 itens; $\alpha=0,64$).

A *Self-Report Psychopathy Scale-III* (SRP-III; Williams, Paulhus, & Hare, 2007) é uma escala de autorrelato que avalia psicopatia por meio de 77 itens pontuados em uma escala Likert de cinco pontos (1=discordo fortemente a 5=concordo fortemente). Recentemente, a escala foi revisada e passou a contar com 64 itens que avaliam, assim como a versão de 77 itens, a manipulação interpessoal ($\alpha=0,82$), frieza afetiva ($\alpha=0,75$), estilo de vida “errôneo” ($\alpha=0,75$) e tendências criminosas como a antissocial ($\alpha=0,69$) na população geral (Gordts, Uzieblo, Neumann, Van den Bussche, & Rossi, 2017).

A *Prosocial and Antisocial Behaviour-PABSS* (Kavussanu & Boardley, 2009) avalia o comportamento prossocial e antissocial no esporte. A escala é composta por 20 itens respondidos em uma escala Likert de 5 pontos (1=nunca a 5=frequentemente). É formada por 4 subescalas que medem comportamentos antissociais em relação aos oponentes (8 itens; $\alpha=0,85$), em relação aos colegas de equipe (5 itens; $\alpha=0,85$), comportamento prossocial para com os oponentes (3 itens; $\alpha=0,85$) e com os colegas de equipe (4 itens; $\alpha=0,85$) (Kavussanu, Stanger, & Boardley, 2013).

Também foi encontrado o *Subtypes of Antisocial Behavior Questionnaire* (STAB) que é um instrumento curto e disponível para pesquisa, para o uso com universitários, população geral e em adultos em liberdade condicional. O STAB avalia subtipos de comportamentos antissociais que ocorreram no último ano por meio de 32 itens, com formato de resposta Likert de 1 (nunca) a 5 (quase todo o tempo), divididos em três fatores. O primeiro fator foi denominado Agressão Física, que contém 10 itens e um valor de Alfa de 0,84. O fator Agressão Social, por sua vez, com 11 itens e um Alfa de 0,85, e por fim o fator Quebra de Regras que possui 11 itens e Alfa de 0,78. Os índices de ajustes

encontrados foram considerados aceitáveis ($\chi^2=75.102$, $df=24$; $CFI=0,97$; $TLI=0,96$; $RMSEA= 0,065$) (Burt & Donnellan, 2009).

O *Short Form of the Coolidge Axis II Inventory* (SCATI) é uma versão reduzida de 70 itens da *Coolidge Axis II Inventory* (CATI) e avalia 14 transtornos de personalidade (12 do DSM-IV-TR e 2 do DSM-III-R), por meio de uma escala Likert de quatro pontos (1=fortemente falso a 4=fortemente verdadeiro), sendo 5 itens para cada transtorno com base nos cinco primeiros critérios de cada. Os itens avaliam imprudência, impulsividade, mentira, instabilidade, risco para si e para os outros e crueldade. A SCATI apresentou valores de alfa para escala total de 0,61 e de 0,65 para a escala do transtorno de personalidade antissocial (Coolidge, Segal, Cahill, & Simenson, 2010).

A *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM; Patrick, 2010) é uma escala de autorrelato que avalia a psicopatia com base em um modelo triarquico. É composta por 58 itens que mensuram os traços *meanness* (1; maldade), desinibição (2) e ousadia (3). O fator 1 avalia aspectos como insensibilidade e crueldade que fazem parte do domínio antagonismo ($\alpha=0,90$). O fator 2 descreve, por exemplo, tendência a impulsividade e irresponsabilidade ($\alpha=0,89$) que fazem parte do domínio desinibição, bem como o Fator 3, que avalia questões como a exposição ao risco ($\alpha=0,89$).

O *Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2* (MMPI-2) é um instrumento que avalia questões psicopatológicas da personalidade por meio de 338 itens, divididos em 12 subescalas. Uma delas avalia aspectos clínicos relacionados ao transtorno de personalidade antissocial (RC4 abs), construída com base nos critérios diagnósticos do DSM, composta por 22 itens que avaliam a propensão a externalizar problemas, estilo desinibitório e inconformismo. A subescala apresentou um bom índice de precisão ($\alpha = 0,80$) (Sellbom et al., 2012).

Discussão

Este estudo teve como objetivo identificar, descrever e analisar os instrumentos, brasileiros e internacionais, que avaliam o comportamento antissocial em adultos, considerando as perspectivas de violações de normas, agressividade e psicopatológica/psiquiátrica. Com base nos resultados foram identificados apenas cinco instrumentos brasileiros utilizados para a avaliação do comportamento antissocial em adultos. Isso diverge do que foi citado por Hauck Filho et al. (2014), pois os eles não delimitaram a população em que as escalas foram utilizadas, o que contribuiu para que escalas para crianças e adolescentes fossem elencadas no estudo dos autores. Fazem parte das escalas encontradas neste estudo a Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD), o *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R), a Escala de Avaliação da Tendência à Agressividade (EATA), o Instrumento Breve de Comportamentos Antissociais e a Escala de Comportamento Antissocial (ECA). De forma geral, é importante destacar que elas avaliam somente o componente de violações de normas.

A ECAD tem como proposta a avaliação de comportamentos antissociais e delitivos, ou seja, apenas violações de normas. Além disso possui evidências de validade para adolescentes e adultos com idade até 21 anos, o que compromete seu uso por maiores de 21. O PCL-R é um instrumento originalmente construído para avaliar a psicopatia. Contudo, o mesmo avalia mais a reincidência criminal (Olver & Wong, 2015). A EATA avalia a agressividade e possui um subfator denominado antissocialidade. Porém, um estudo recente contesta sua estrutura fatorial (Bustamante, Capitão, Batista, Bartholomeu, & Montiel, 2016) indicando a presença de três fatores, a saber, o Fator I que avalia a agressividade verbal, o Fator II apresenta itens sobre condutas antissociais e quebra de regras e o fator III com itens sobre raiva e agressão física. Além disso, a EATA não apresentou índices de ajustes apropriados ($\chi^2(737) = 1996,87$, $p < 0,001$; CFI = 0,69;

RMSEA = 0,60).

Apesar de ter excelentes índices psicométricos, o Instrumento Breve de Avaliação do Comportamento Antissocial foi construído com base em aspectos relacionados à psicopatia e não ao comportamento antissocial em si. Ao analisar qualitativamente os itens do instrumento, é possível verificar que eles englobam, em sua maioria, a dimensão antagonismo avaliando hostilidade, agressividade e raiva. Isso revela uma fragilidade do instrumento, pois traços de desinibição como impulsividade, que é considerada um dos aspectos centrais do antissocial (Lynam, et al., 2003), não foram contemplados. De maneira complementar, deve-se considerar a existência de indivíduos com desvios de conduta, predominantemente, relacionados com a falta de controle de impulsos (Wallace et al., 2009).

A ECA, por sua vez, foi construída a partir da junção de itens de 22 escalas internacionais e de diversas vertentes teóricas. Isso pode comprometer o funcionamento da escala, pois apesar de avaliarem o mesmo construto, as 22 escalas são de contextos, culturas e países diferentes. Dessa forma, questões importantes como a história e o contexto de vida do sujeito, ficam em segundo plano na avaliação (Tavares, 2012).

No que diz respeito aos instrumentos publicados internacionalmente, foram encontrados 18 que podem ser classificados em três tipos. O tipo 1 diz respeito a instrumentos que avaliam psicopatologia e transtornos de personalidade (7 instrumentos), o tipo 2 avalia psicopatia (6 instrumentos) e o 3 avalia o comportamento antissocial (4 instrumentos).

Embora a maioria deles se proponha a realizar uma avaliação psicopatológica e de transtornos da personalidade (tipo 1), deve-se enfatizar que eles mensuram aspectos específicos do comportamento antissocial como a desinibição. Podem ser citados, a Impulsividade (ex.: MPQ), os problemas de conduta e delinquência (ex.: CPI, SCATI e

MMPI-2), além da avaliação do transtorno de personalidade antissocial por meio dos critérios diagnósticos listados no DSM (ex.: PDQ-4). O segundo grupo de instrumentos (tipo 2) avalia a psicopatia e tem fatores que mensuram primordialmente a reincidência criminal ou a tendência à criminalidade (ex.: PCL-R, PCL-SV, SRP-III), desinibição (ex.: PPI) e alguns traços de antagonismo (ex.: LSRP e APSD).

O terceiro tipo são os que avaliam a antissocialidade como aspecto principal. São eles a *Antisocial Action Scale* (AAS), que avalia os comportamentos típicos em alunos, o *Comprehensive Misconduct Inventory* (CMI), que investiga condutas inapropriadas e delitos, o *Prosocial and Antisocial Behaviour* (PABSS), que investiga comportamento Prosocial e Antissocial em atletas, e o *Subtypes of Antisocial Behavior Questionnaire* (STAB) que avalia comportamentos antissociais ocorridos no último ano na população geral e em adultos em liberdade condicional. Desse modo, o CMI e a STAB são as únicas escalas que podem ser utilizadas pela população geral. Porém, assim como os instrumentos utilizados no Brasil, os internacionais avaliam, primordialmente, a violação de normas e leis.

Considerando as dimensões avaliadas pelo comportamento antissocial, antagonismo e desinibição, e a forma com que o construto é mensurado pelos instrumentos disponíveis para uso no Brasil, é possível perceber que avaliam, em sua maioria, comportamentos antagônicos como manipulação e agressividade, enquanto os internacionais avaliam, primordialmente, comportamentos de desinibição como impulsividade, quebra de regras e irresponsabilidade. Isso contrapõe a forma de avaliação apresentada no modelo híbrido do DSM-5, que considera ambos fatores (APA, 2014). Além disso, a relação entre o comportamento antissocial e outros traços de personalidade foram mais consistentes quando se utilizou a avaliação por meio de facetas, como por exemplo, impulsividade e hostilidade, e não por meio dos domínios (Jones et al., 2011).

De modo complementar, Burt et al. (2012) afirmam que é necessário a realização de estudos que considerem as dimensões reativa e proativa da agressividade, pois essas dimensões e a violações de normas constituem componentes importantes do antissocial. Cabe destacar que o presente artigo possui algumas limitações como a busca para identificar os instrumentos disponíveis para uso no Brasil utilizando SciELO e Pepsic. Esta última é uma base latino-americana, porém não foram realizadas buscas em outros idiomas como o espanhol. Outra limitação do estudo, é que não foram verificados os índices de ajuste do modelo a respeito estrutura fatorial dos instrumentos utilizados, pois o objetivo era identificar, descrever e analisar qualitativamente como o comportamento antissocial era avaliado por eles. Em virtude disso, é necessário que estudos futuros considerem os três componentes ao avaliar o comportamento antissocial, a saber, os domínios desinibição e antagonismo (vertente psiquiátrica), violações de normas e regras, e agressividade, sendo que para esta última deve-se considerar as dimensões reativa e proativa (Burt et al., 2012).

Referências

- Abdin, E., Koh, K. G. W. W., Subramaniam, M., Guo, M.-E., Leo, T., Teo, C., ... Chong, S. A. (2011). Validity of the Personality Diagnostic Questionnaire—4 (PDQ-4+) among Mentally Ill Prison Inmates in Singapore. *Journal of Personality Disorders, 25*(6), 834–841. doi: 10.1521/pedi.2011.25.6.834
- American Psychiatric Association ([APA]), (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais -DSM-5*.(5ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Ben-Porath, Y. S. (2012). Interpreting the MMPI-2-RF substantive scales. In *Interpreting the MMPI-2-RF* (pp. 277–318).
- Burt, A. S., & Donnellan, B. M. (2009). Development and validation of the subtypes of antisocial behavior questionnaire. *Aggressive Behavior, 35*(5), 376–398. doi:10.1002/ab.20314
- Burt, S. A., Donnellan, M. B., & Tackett, J. L. (2012). Should social aggression be considered “antisocial”? *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 34*(2), 153–163. doi:10.1007/s10862-011-9267-0
- Bustamante, M. I., Capitão, C. G., Batista, M. A., Bartholomeu, D., & Montiel, J. M. (2016). Validade por estrutura interna da Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade. *Psicologia: Ciência e Profissão, 36*(3), 726-737. doi:10.1590/1982-3703001692016
- Coolidge, F. L., Segal, D. L., Cahill, B. S., & Simenson, J. T. (2010). Psychometric properties of a brief inventory for the screening of personality disorders: The SCATI. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice, 83*(4), 395–405. doi:10.1348/147608310X486363
- Donovan, J. E., & Jessor, R. (1985). Structure of problem behavior in adolescence and young adulthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 53*(6), 890–904.

doi: 586\rExport Date 21 February 2012

- *Douglas, K. S., Guy, L. S., Edens, J. F., Boer, D. P., & Hamilton, J. (2007). The Personality Assessment Inventory as a Proxy for the Psychopathy Checklist-Revised: Testing the Incremental Validity and Cross-Sample Robustness of the Antisocial Features Scale. *Assessment*, *14*(3), 255–269. doi:10.1177/1073191107302138
- Douglas, K. S., Strand, S., Belfrage, H., Fransson, G., & Levander, S. (2005). Reliability and validity evaluation of the psychopathy checklist: Screening version (PCL:SV) in Swedish correctional and forensic psychiatric samples. *Assessment*. doi:10.1177/1073191105275455
- *Elwood, C. E., Poythress, N. G., & Douglas, K. S. (2004). Evaluation of the Hare P-SCAN in a non-clinical population. *Personality and Individual Differences*, *36*(4), 833–843. doi:10.1016/S0191-8869(03)00156-9
- Formiga, N. S. (2003). Fidedignidade da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Psicologia em Estudo, Maringá*, *8*(2), 133-138. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a13.pdf>
- Freestone, M., Howard, R., Coid, J. W., & Ullrich, S. (2013). Adult antisocial syndrome co-morbid with borderline personality disorder is associated with severe conduct disorder, substance dependence and violent antisociality. *Personality and Mental Health*, *7*(1), 11–21. doi:10.1002/pmh.1203
- Frick, P. J., Bodin, S. D. B. C. T., & Barry, C. T. (2000). Psychopathic traits and conduct problems in community and clinic-referred samples of children: Further development of the psychopathy screening device. *Psychological Assessment*, *12*(4), 382–393. doi:10.1037/1040-3590.12.4.382
- *Granjeiro, A. S. M. (2014). *Escala de comportamentos antissociais: construção e*

- evidências de validade* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Gordts, S., Uzieblo, K., Neumann, C., Van den Bussche, E., & Rossi, G. (2017). Validity of the Self-Report Psychopathy Scales (SRP-III Full and Short Versions) in a Community Sample. *Assessment*, 24(3), 308–325. doi:10.1177/1073191115606205
- Gough, H. R. (1994). Theory, development, and interpretation of the CPI socialization scale. *Psychological Reports*, 75(1 (Pt.2)), 651–700. doi:10.2466/pr0.1994.75.1.651
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist—Revised*. Toronto, Ontario, Canada: Multi-Health Systems.
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist* (2nd ed.). Toronto, ON, Canada: Multi-Healthy Systems.
- Hart, S. D., Cox, D. N. & Hare, R. D. (1995). *Manual for the Psychopathy Checklist: Screening version (PCL – SV)*. Toronto, Canada: Multi- Health Systems.
- *Hauck Filho, N., Salvador-silva, R., & Teixeira, M. A. (2014). Análise de Teoria de Resposta ao Item de um Instrumento Breve de Avaliação de Comportamentos Antissociais. *Psico*, 45(1), 120–125. doi:10.15448/1980-8623.2014.1.14501
- Hicklin, J., & Widiger, T. A. (2005). Similarities and differences among antisocial and psychopathic self-report inventories from the perspective of general personality functioning. *European Journal of Personality*, 19(4), 325–342. doi:10.1002/per.562
- Hyer, S. E. (1994). PDQ-4 and PDQ-4+ instructions for use. New York: New York State Psychiatric Institute.
- Jones, S. E., Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2011). Personality, antisocial behavior, and

- aggression: A meta-analytic review. *Journal of Criminal Justice*, 39(4), 329–337.
doi: 10.1016/j.jcrimjus.2011.03.004
- Kavussanu, M., & Boardley, I. D. (2009). The Prosocial and Antisocial Behavior in Sport Scale. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 31(1), 97–117.
doi:10.1123/jsep.31.1.97
- *Kavussanu, M., Stanger, N., & Boardley, I. D. (2013). The prosocial and antisocial behaviour in sport scale: Further evidence for construct validity and reliability. *Journal of Sports Sciences*, 31(11), 1208–1221.
doi:10.1080/02640414.2013.775473
- Lau, K. S. L., & Marsee, M. A. (2013). Exploring Narcissism, Psychopathy, and Machiavellianism in Youth: Examination of Associations with Antisocial Behavior and Aggression. *Journal of Child and Family Studies*, 22(3), 355–367.
doi:10.1007/s10826-012-9586-0
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151–158. doi:10.1037/0022-3514.68.1.151
- Neumann, S. O., & Andrews, B. P. (1996). Development and Preliminary Validation of a Self-Report Measure of Psychopathic Personality Traits in Noncriminal Population. *Journal of Personality Assessment*, 66(3), 488–524.
doi:10.1207/s15327752jpa6603_3
- Lynam, D. R., Leukefeld, C., & Clayton, R. R. (2003). The Contribution of Personality to the Overlap between Antisocial Behavior and Substance Use/Misuse. *Aggressive Behavior*, 29(4), 316–331. doi:10.1002/ab.10073
- Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., Edens, J. F., & Poythress, N. G. (2006). Is antisocial personality disorder continuous or categorical? A taxometric analysis.

- Psychological Medicine*, 36(11), 1571–1581. doi:10.1017/S0033291706008245
- Millon, T. (1987). *Millon Clinical Multiaxial Inventory-II*. Minneapolis, National Computer Systems.
- Morana H. (2004). *Escala Hare PCL-R: critérios para pontuação de psicopatia revisados*. Versão brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.
- Morey, L. C. (1991). *Personality Assessment Inventory—Professional manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Neumann, C. S., Malterer, M. B., & Newman, J. P. (2008). Factor Structure of the Psychopathic Personality Inventory (PPI): Findings From a Large Incarcerated Sample. *Psychological Assessment*, 20(2), 169–174. doi:10.1037/1040-3590.20.2.169
- Olver, M. E., & Wong, S. C. P. (2015). Short- and long-term recidivism prediction of the PCL-R and the effects of age: A 24-year follow-up. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*. doi:10.1037/per0000095
- Patrick, C. (2010). Triarchic psychopathy measure (TriPM). *PhenX Toolkit Online Assessment Catalog*. doi:10.1037/t42471-000
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The Dark Triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556–563. doi:10.1016/S0092-6566(02)00505-6
- *Pechorro, P., Maroco, J., Poiares, C., & Vieira, R. X. (2013). Validation of the Portuguese version of the antisocial process screening device-self-report with a focus on delinquent behavior and behavior problems. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 57(1), 112–126. doi:10.1177/0306624X11427174
- Rhee, S. H., & Waldman, I. D. (2002). Genetic and environmental influences on antisocial

- behavior: A meta-analysis of twin and adoption studies. *Psychological Bulletin*, 128(3), 490–527. doi:10.1037//0033-2909.128.3.490
- Seisdedos, N. C. (1988). Cuestionario A – D de conductas antisociais – delictivas. Madri: TEA
- Sellbom, M., Ben-Porath, Y. S., Patrick, C. J., Wygant, D. B., Gartland, D. M., & Stafford, K. P. (2012). Development and construct validation of MMPI-2-RF indices of global psychopathy, fearless-dominance, and impulsive-antisociality. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*. doi:10.1037/a0023888
- *Sisto, F. F., Bartholomeu, D., Santos, A. A. A., Rueda, F. J. M., & Suehiro, A. C. B. (2008). Estudo preliminar para a construção de uma escala de agressividade para universitários. *Aletheia*, (28),77-90. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Sisto, F. F. (2012). Manual da escala para avaliação de tendência à agressividade. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Stattin, H., & Magnusson, D. (1989). The role of early aggressive behavior in the frequency, seriousness, and types of later crime. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(6), 710–718. doi:10.1037//0022-006X.57.6.710
- Tavares, M. (2012). Considerações preliminares à condução de uma avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 321–334. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000300002&nrm=isso
- Tellegen, A. (1982). Manual for the Multidimensional Personality Questionnaire. Unpublished manuscript. Recuperado de https://www.upress.umn.edu/test-division/mpq/copy_of_mpq_BF-overview

Wallace, J. F., Malterer, M. B., & Newman, J. P. (2009). Mapping Gray's BIS and BAS constructs onto Factor 1 and Factor 2 of Hare's Psychopathy Checklist - Revised. *Personality and Individual Differences*, 47(8), 812–816. doi:10.1016/j.paid.2009.06.019

Williams, K. M., Paulhus, D. L., & Hare, R. D. (2007). Capturing the four-factor structure of psychopathy in college students via self-report. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 205–219. doi:10.1080/00223890701268074

*Witt, E. A., & Donnellan, M. B. (2008). Furthering the case for the MPQ-based measures of psychopathy. *Personality and Individual Differences*, 45(3), 219–225. doi:10.1016/j.paid.2008.04.002

As Referências encontradas na busca podem ser visualizadas acessando o link:

<https://github.com/ADeSaA/integrativereviewantisocialbehavior/blob/master/Refer%C3%A2ncias%20encontradas%20nas%20buscas.pdf>

Artigo 2

Construção e estudos psicométricos iniciais da Escala de Comportamentos Antissociais (E-Cant)

Resumo: O objetivo deste artigo foi descrever o processo de construção e os estudos psicométricos iniciais de uma escala para avaliar o comportamento antissocial. O estudo consistiu na realização da avaliação de itens por juízes, estudo piloto para verificar a interpretabilidade dos itens e posteriormente os psicométricos com 600 pessoas dos estados do Piauí, São Paulo e Paraná. A análise dos itens indicou um modelo hierárquico com um bom índice de ajuste. O modelo é formado por um fator de segunda ordem que explicou cinco fatores denominados agressividade, irresponsabilidade, manipulação interpessoal, comportamento de risco no trânsito e exposição ao risco. Os valores de fidedignidade encontrados foram adequados. Os resultados permitiram concluir que os objetivos iniciais foram alcançados construindo a E-Cant.

Palavras-chave: avaliação psicológica; antissocial; teste psicológico; psicometria

Abstract: The aim of this article was to describe the construction process and the initial psychometric studies of a scale to evaluate antisocial behavior. The study consisted of the evaluation of items by judges, a pilot study to verify the interpretability of the items and, later, the psychometric tests with 600 people from the states of Piauí, São Paulo, and Paraná. The analysis of the items indicated a hierarchical model with a good adjustment index. The model is formed by a second order factor that explained five factors called aggression, irresponsibility, interpersonal manipulation, risk behavior in traffic and exposure to risk. The trust values found were adequate. The results allowed us to conclude that the initial objectives were achieved by constructing E-Cant.

Keywords: psychological assessment; antissocial; psychological test; psycometry

Resumen: El objetivo de este artículo fue describir el proceso de construcción y los estudios psicométricos iniciales de una escala para evaluar el comportamiento antissocial. El estudio consistió en la realización de la evaluación de ítems por jueces, estudio piloto para verificar la interpretabilidad de los ítems y posteriormente los psicométricos con 600 personas de los estados de Piauí, São Paulo y Paraná. El análisis de los elementos indicó un modelo jerárquico con un buen índice de ajuste. El modelo está formado por un factor de segundo orden que explicó cinco factores llamados agresividad, irresponsabilidad, manipulación interpersonal, comportamiento de riesgo en el tránsito y exposición al riesgo. Los valores de confianza encontrados fueron adecuados. Los resultados permitieron concluir que los objetivos iniciales fueron alcanzados construyendo la E-Cant.

Palabras clave: evaluación psicológica; antissocial; prueba psicológica; psicometría

Introdução

O comportamento antissocial (CAS) é caracterizado principalmente pela violação de normas e regras e o direito de outras pessoas, envolvimento em atividades delitivas (Donovan & Jessor, 1985), roubo, vandalismo, condução imprudente entre outros (Farrington, 1995). Desvios de conduta relacionados a falta de controle de impulsos ou a comportamentos hostis podem estar presentes (Derefinko & Widiger, 2016; Santana et al., 2018) associados ou não ao abuso de substâncias (Wright & Simms, 2015). Também pode ser compreendido por um componente de tendências agressivas (objetivo de causar algum dano físico ou psicológico a alguém ou grupo de pessoas), especificamente reativas (respostas a provocações e ocorrem de forma impulsiva como uma defesa associada a raiva e frustração) e proativas (uma antecipação a respostas dos outros, é voluntário, deliberado e influenciado por reforços externos) (Burt et al., 2012).

A personalidade tem uma grande contribuição para a compreensão do CAS. Para alguns autores, ela pode explicar parte da estabilidade e do caráter hereditário CAS (Carey & Goldman, 1997; Roberts & DelVecchio, 2000; Rautiainen et al., 2016; Tiihonen et al., 2015). Isso significa que perfis de personalidade estão mais relacionados a comportamentos criminosos que podem ser resultado de características herdadas, por exemplo, em relação a formas de pensar, sentir e interagir com o ambiente (Miller, Lynam & Leukefeld, 2003).

A utilização de modelos básicos da personalidade pode contribuir consideravelmente para a compreensão do CAS. Uma meta-análise que objetivou verificar a relação entre os diferentes modelos teóricos da personalidade e o CAS identificou o comportamento interpessoal antagônico e um estilo impulsivo cognitivo e comportamental como maiores preditores para esse tipo de comportamento (Miller & Lynam, 2001).

O comportamento antissocial não está necessariamente ligado a algo patológico, como um transtorno da personalidade (Skeem, Miller, Mulvey, Tiemann, & Monahan, 2005), mas pode vir a ser, pois é considerado um aspecto dimensional, entendido como um *continuum* e pode ser avaliado por meio de entrevistas semiestruturadas e instrumentos de autorrelato (Marcus, Lilienfeld, Edens, & Poythress, 2006). A presença extrema desse comportamento caracteriza o Transtorno da Personalidade Antissocial (*American Psychiatric Association- APA, 2014; Kotov, 2017*).

Na quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM 5*) é apresentado um modelo alternativo para avaliação da personalidade por meio de traços compreendidos como um *continuum*. De acordo com esse modelo, o comportamento antissocial e o transtorno de personalidade antissocial podem ser avaliados com base nos domínios de desinibição (gratificação imediata desconsiderando o aprendizado passado ou consequências futuras) e antagonismo (comportamentos interpessoais divergentes, que incluem um sentimento exagerado da própria importância e antipatia insensível em relação aos outros) (APA, 2014), o que também é compartilhado por outro modelo diagnóstico denominado *Hierarchical Taxonomy of Psychopathology (HiTOP)* (Conway et al., 2018; Forbes, et al., 2017; Kotov et al., 2017; Wright & Simms, 2015).

A desinibição engloba os traços exposição ao risco, impulsividade e irresponsabilidade enquanto a manipulação diz respeito aos traços de manipulação, insensibilidade, desonestidade e hostilidade. A Exposição ao Risco refere-se ao envolvimento em atividades arriscadas, de perigo iminente para tentar contrapor ao tédio. A impulsividade diz respeito a uma ação imediata sem considerar as consequências da mesma. A irresponsabilidade refere-se ao descumprimento de compromissos financeiros e de obrigações assumidas. Em relação aos traços antagônicos, o primeiro é a

Manipulação, que diz respeito a capacidade de influenciar outras pessoas para obter algum benefício. A Insensibilidade, por sua vez, é a falta de preocupação com os sentimentos ou problemas de outras pessoas. A Desonestidade está relacionada a fraudes, e a Hostilidade à raiva ou irritabilidade e comportamentos grosseiros (APA, 2014).

Desse modo, é importante que os instrumentos utilizados para avaliação compreendam os aspectos mencionados anteriormente. Jesuíno e Rueda (manuscrito submetido) analisaram os instrumentos que avaliam o comportamento antissocial enquanto fator ou como objeto principal de avaliação. Os resultados indicaram a nível nacional o Instrumento Breve de Comportamento Antissocial (Hauck-Filho, Silva & Teixeira, 2014) como um bom instrumento de avaliação utilizado para pesquisa. Porém, seus itens avaliam aspectos relacionados a comportamentos antagônicos como hostilidade e agressividade sem considerar a desinibição. Isso deve ser considerado como uma limitação do instrumento, pois é pouco informativo para pessoas que tem o CAS com um predomínio de traços relacionados a desinibição (Santana et al., 2018; Wallace, Malterer & Newman, 2009).

Em relação aos instrumentos internacionais, os autores identificaram três tipos de instrumentos avaliativos, sendo o primeiro tipo sobre transtornos de personalidade, que tinham foco na avaliação de comportamentos de desinibição. O tipo 2 avalia psicopatia e mensuram o antissocial como algo relacionado a tendência ou reincidência criminal, ou desinibição ou traços de antagonismo. O terceiro tipo tem como foco avaliar o comportamento antissocial e avaliam primordialmente a violação de normas e leis (Jesuíno & Rueda, manuscrito submetido).

Um estudo verificou a estrutura fatorial dos critérios do DSM-IV e se de fato são necessários distintos fatores para avaliação do transtorno da personalidade antissocial (Kendler, Aggen, & Patrick, 2012). Foram analisados, além dos critérios, os fatores

fenotípicos em gêmeos. Os autores encontraram dois fatores correlacionados que avaliam padrões de agressividade e desprezo, e outro de desinibição. Pontuações no escore genético de agressividade e desprezo estavam mais associadas ao risco para transtorno de conduta e o uso de álcool, enquanto a desinibição estava associada a idade e busca de sensações. Recentemente, Rosenström et al. (2018) também realizaram um estudo com gêmeos e a entrevista semiestruturada do DSM-IV. Os autores encontraram um modelo de fator geral de segunda ordem que explicava os critérios diagnósticos. Isso indica que ainda existem divergências a respeito da melhor estrutura avaliativa para aspectos relacionados ao comportamento antissocial.

O objetivo do presente artigo foi construir uma escala para avaliar o comportamento antissocial considerando a agressividade reativa e proativa (Burt et al., 2012) e as dimensões do antagonismo e da desinibição (APA, 2014). Para tanto foram utilizados os traços dos dois domínios, pois, como evidenciado anteriormente (Jones, Miller & Lynam, 2011), a relação entre o comportamento antissocial e outros traços de personalidade foi mais consistente por meio de facetas, como impulsividade e hostilidade, e não por meio dos domínios. Para além disso, considerou-se para a construção os especificadores da Psicopatia como descrito no DSM-5, que dizem respeito a ausência de ansiedade ou medo, audácia e busca por atenção.

Método

Estudo 1- Etapa 1- Elaboração dos Itens e avaliação de juízes

O processo de construção de item levou em consideração as definições apresentadas na Seção III do DSM-5 para os traços dos domínios desinibição e antagonismo. Os itens foram construídos pela autora deste trabalho a partir da descrição dos fatores Manipulação, Hostilidade, Desonestidade e Insensibilidade (Antagonismo) e Irresponsabilidade, Impulsividade, Exposição ao risco (Desinibição). Os itens de

agressividade foram construídos considerando a agressividade reativa e proativa (Coie & Dodge, 1998). Além disso, também foram construídos itens para os especificadores da psicopatia. Inicialmente foram construídos um total de 110 itens, distribuídos entre 8 a 12 itens para cada fator (Manipulação, Insensibilidade, Desonestidade, Hostilidade, Exposição ao risco, Irresponsabilidade, Impulsividade, Agressividade Reativa e Proativa ou instrumental e para os descritores de Psicopatia). Cuidou-se para que os itens não apresentassem conteúdo similar e para tanto foram realizadas quatro revisões no conteúdo dos mesmos o que resultou em 88 itens.

Participantes

Participaram desta etapa cinco psicólogos, sendo três do sexo masculino, do estado de São Paulo. Todos são doutores em psicologia com conhecimento em construção de testes e em avaliação psicológica da personalidade.

Instrumento

Os autores construíram um protocolo de avaliação que foi enviado aos psicólogos. Eles deveriam indicar o quão compreensível acreditavam que o item estava e se a linguagem utilizada era adequada para representar os traços avaliados, além de possíveis correções ortográficas, a relevância teórica na representatividade dos traços e indicar a qual fator acreditavam que o item pertencia, além de informar o modelo de resposta Likert que deveria ser adotado na escala.

Procedimentos Gerais

Inicialmente foi solicitada a autorização das instituições para a realização da coleta. Após a autorização o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco. Após sua aprovação as coletas foram agendadas e realizadas considerando cada etapa do processo de construção. Os sujeitos foram informados, em todas as etapas, do objetivo da pesquisa. Após lerem e assinarem o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), realizaram a atividade pertinente em cada etapa.

Procedimentos Etapa 1

Os juízes foram convidados por e-mail para esta avaliação, sendo que após o aceite receberam o arquivo com os itens e uma explicação breve sobre a teoria utilizada para sua construção e as definições dos fatores. Para a participação foi necessário que concordassem com o TCLE. Os juízes tiveram um prazo de um mês para enviarem suas repostas sobre o quanto os itens descritos avaliavam Manipulação, Insensibilidade, Hostilidade, Desonestidade, Exposição ao Risco, Impulsividade, Irresponsabilidade, Agressividade reativa e proativa e os descritores da psicopatia.

Análise de dados

Os protocolos de resposta foram analisados com base nas sugestões dos juízes, desde modificações, categorização, a remoção e divisão de itens. Foi utilizado como critério para a manutenção do item no teste uma concordância mínima de 80%, equivalente ao consentimento de 4 juízes.

Resultados Etapa 1

Após a avaliação semântica, relevância teórica e categorização dimensional foram excluídos um total de 24 itens, restando 64 itens e a chave de resposta escolhida foi a de 4 pontos (1=nada a ver comigo a 4=tudo a ver comigo). Um deles apresentava exemplos de situações, como por exemplo, “Gosto de atividades que geram adrenalina (como saltar de paraquedas, andar em alta velocidade)”. Após a avaliação de juízes, ele foi dividido ficando cada exemplo em um item diferente. Em relação aos itens inicialmente propostos para a dimensão Antagonismo, o fator Manipulação (1) ficou composto por 8 itens, o fator Insensibilidade (2) com um total de 6 itens, Desonestidade (3) com 5 itens e Hostilidade (4) com 5 itens. No que diz respeito a dimensão Desinibição, foram

categorizados 9 itens no fator (5) Exposição ao Risco. O fator Irresponsabilidade (6) foi composto por 9 itens, Impulsividade (7) com 3 itens e agressividade reativa e proativa com 14 itens ao total e os indicadores de psicopatia com cinco itens. No total ficaram 64 itens com modelo de resposta do tipo Likert de 4 pontos em que 1 é nada a ver comigo, 2 é pouco a ver comigo, 3 é muito a ver comigo e 4 é tudo a ver comigo. Finalizada a primeira etapa deu-se início a coleta.

Estudo 1 Etapa 2 – Estudo Piloto

Objetivo: Verificar a compreensão dos itens por pessoas de baixa escolaridade

Participantes

A etapa seguinte consistiu na avaliação dos itens por 5 pessoas, sendo 3 mulheres, do estado do Piauí, com nível de escolaridade do ensino fundamental, e idade entre 33 e 54 anos. Esta foi realizada para certificar que os itens pudessem ser compreendidos por pessoas de diferentes níveis de escolaridade.

Instrumentos

Escala de Comportamentos Antissociais (E-Cant)

O instrumento contou com um questionário de identificação para obter informações sobre sexo, idade e escolaridade. Foi utilizada a versão com 64 itens que foram avaliados pelos juízes e por fim, o questionário sobre dificuldades de compreensão dos itens.

Procedimentos

Após uma explicação sobre o objetivo da pesquisa e a assinatura do TCLE os participantes responderam o protocolo. A aplicação foi coletiva com 5 indivíduos e durou cerca de 15 minutos.

Resultados

Após responderem os itens os participantes não relataram dificuldades para compreender o conteúdo utilizado. Dessa forma, considerou-se que os itens estavam adequados para pessoas com baixo nível de escolaridade e conseqüentemente para aqueles com maior nível.

Estudo 2 – Verificação das Propriedades Psicométricas

Participantes

Participaram 600 indivíduos, sendo 54,4% mulheres, com idade entre 18 a 80 anos ($M=30,50$; $DP=12,91$). A maioria deles com ensino superior completo/incompleto (66,1%) e residentes dos estados do Piauí (35%), Paraná (32,6%) e São Paulo (32,3%).

Instrumento

Escala de Comportamentos Antissociais (E-Cant)

Versão de 64 itens apresentada nos resultados da Etapa 1 do estudo 1 e um questionário sociodemográfico.

Procedimentos

A coleta foi agendada e os sujeitos foram informados do objetivo da pesquisa. Após esclarecimentos sobre a mesma e a assinatura do TCLE deu-se início a coleta de dados. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico e a E-Cant. A aplicação durou aproximadamente 15 minutos com cerca de 30 pessoas por aplicação.

Análise de dados

Foram realizadas estatísticas descritivas. A fatorabilidade da matriz foi verificada por meio do critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do Teste de Esfericidade de Bartlett. Posteriormente, foi realizada a Análise Fatorial Exploratória (AFE) por meio do

programa Factor 10.8 (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2018) com metade dos participantes escolhidos aleatoriamente no banco de dados (301 sujeitos). O procedimento para determinar o número de dimensões foi a *Parallel Analysis* (PA) (Timmerman, & Lorenzo-Seva, 2011), com matriz de dispersão *Polychoric Correlations* e como método com rotação do tipo *Promim* (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2018). Foram mantidos nos fatores apenas os itens com carga fatorial superior a 0,50. Para itens que carregaram em dois fatores foi considerada uma diferença mínima de 0,20 entre eles, bem como a pertinência teórica. Posteriormente foi utilizada a outra parte do banco para testar modelos restritivos e saturados. O estimador utilizado foi *Weighted Least Squares Mean- and Variance-adjusted* (WLSMV) que é o mais indicado para dados ordinais (Asún, Rdz-Navarro, & Alvarado, 2016), com rotação orthogonal (bi-geomin) para as estruturas bifatorial e hierárquica sendo estas últimas realizadas no programa Mplus 7.10 (Muthén & Muthén, 1998-2012). O ajuste dos modelos foi verificado pelos índices *Chi-square* (χ^2), *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Por fim, o nível de fidedignidade foi verificado utilizando o coeficiente alfa de Cronbach, possíveis diferenças nas pontuações de pessoas que fazem uso semanal de álcool (informação obtida no questionário sociodemográfico) por meio do teste *t* de *student* e a correlação de *Pearson* para verificar a relação entre o uso do álcool e a pontuação na E-Cant por meio do SPSS versão 25.

Resultados

O valor de KMO encontrado foi de 0,870, considerado bom, e do Teste de Esfericidade de Bartlett foi de 8275,6,3 (df =2016; $p < 0,001$) indicando os dados são passíveis de fatoraçoão (Dziuban & Shirkey, 1974). A análise paralela indicou uma estrutura fatorial de 7 fatores. Foram testados modelos de 5, 6, 7 e 8 fatores com os 64

itens. O modelo de 6 fatores foi o mais explicável. O ponto de corte para a exclusão de itens foi de 0,50 para selecionar itens mais discriminativos e permitiu a eliminação de 19 itens.

Uma nova análise fatorial exploratória foi realizada com os 45 itens utilizando os mesmos métodos de extração do modelo inicial para 5 e 6 fatores. Ao realizar tal etapa os itens não apresentaram cargas acima de 0,50 no sexto fator. Uma nova análise foi realizada com o modelo de 5 fatores considerando os 64 itens e ao verificar as cargas fatoriais no modelo de 5 fatores foram excluídos mais 24 itens com carga inferior ao ponto estabelecido e os índices de ajustes encontrados foram considerados bons com $\chi^2(660) = 1050.203^*$ ($p < 0,001$), RMSEA=0,044 (95% IC: 0.039 - 0.049; $p < 0,001$), CFI=0,945 e TLI=0,928. Os valores das cargas fatoriais foram altas e podem ser visualizadas na Tabela 1.

Tabela 1.

Cargas fatoriais e quantidade de itens

Itens	F1	F2	F3	F4	F5
E6	0.826*	-0.133*	0.013	-0.008	-0.027
E7	0.043	0.829*	-0.011	0.059	-0.072
E10	-0.051	0.067	0.798*	-0.019	0.143*
E13	0.011	0.394*	0.085	0.489*	0.093
E14	0.030	0.666*	-0.096	-0.067	0.029
E19	-0.179*	0.755*	0.155*	0.074	-0.027
E20	0.124*	0.562*	0.041	-0.054	0.051
E21	0.758*	0.080	-0.003	-0.205*	-0.053
E22	0.034	0.003	0.434*	0.564*	-0.139*
E23	0.214*	-0.036	0.689*	-0.060	-0.102
E25	0.143*	-0.084	0.413*	0.589*	-0.177*
E26	0.136*	0.183*	0.132	0.533*	-0.107
E27	0.106	0.317*	0.043	0.544*	0.136*
E28	0.599*	0.009	0.143*	0.112	0.064
E29	0.795*	0.043	-0.114*	0.012	-0.004
E30	0.174*	0.231*	-0.010	0.620*	0.019
E31	0.094	0.055	0.201*	0.598*	0.070
E33	0.065	0.861*	-0.023	-0.029	-0.013
E35	0.078	0.182*	-0.005	0.682*	0.010
E36	0.018	0.001	-0.145*	0.823*	0.178*
E37	0.755*	-0.051	0.112*	0.116*	0.068
E38	0.717*	0.000	0.099	0.312*	0.012
E39	0.849*	0.092	0.010	-0.115*	0.006
E40	0.006	0.090	0.728*	-0.059	0.225*
E41	-0.020	0.745*	0.004	0.175*	0.041
E43	0.561*	-0.118*	0.049	0.145*	0.128
E44	0.697*	-0.041	0.070	0.134*	-0.129*
E45	0.038	-0.018	0.079	0.007	0.787*

E46	0.793*	-0.009	0.151	-0.054	0.060
E49	0.754*	0.108*	-0.072	-0.018	-0.009
E50	0.194*	0.116	0.048	0.548*	-0.003
E52	0.079	0.807*	0.009	-0.091*	0.111*
E53	0.688*	0.126*	-0.071	0.011	0.012
E54	0.091	0.097	0.205*	0.091	0.638*
E55	0.758*	0.052	-0.136*	0.056	0.118*
E58	-0.031	-0.135*	0.083	0.040	0.662*
E60	0.047	0.604*	0.089	0.128*	-0.062
E61	-0.102	-0.157*	-0.112	0.676*	0.222*
E62	0.055	0.075	-0.055	0.049	0.732*
E63	0.097	0.131	0.498*	0.172*	0.063
Nº de itens	13	8	4	11	4

Com base na Tabela 1 é possível verificar com os itens variaram de cargas marginais a 0,50 a 0,86, o que indica uma boa capacidade discriminativa dos itens. O fator 1 agrupou itens que avaliam, em sua maioria, agressividade (9 itens) e hostilidade (4 itens) e um item que avalia insensibilidade. O Fator 2 agrupou itens que avaliam a irresponsabilidade, enquanto o fator 3 foi formado por itens que avaliam comportamento de risco no trânsito e o fator 4 os itens descritores da psicopatia, especificamente de necessidade de atenção (3 itens) e itens de desonestidade (2 itens) e manipulação (6 itens) denominado manipulação interpessoal. Por sua vez, o fator 5 agrupou itens referentes a exposição ao risco (4 itens).

Posteriormente, foram testados os modelos restritivos e saturados para modelos restritivos e saturados. Inicialmente optou-se por verificar o modelo bifator, contudo o modelo não se ajustou aos dados pois as cargas fatoriais não carregaram no modelo geral. Na sequência, realizou-se a verificação de um modelo hierárquico considerando dois fatores de ordem superior. Os índices de ajuste encontrados foram bons com valores de $\chi^2(659) = 1628.553^*$ ($p < 0,001$), RMSEA=0,063 (95% IC: 0.059 - 0.067), CFI=0,970 e TLI=0,969. As cargas fatoriais permaneceram todas acima de 0,50. Contudo, é importante mencionar que a correlação entre os dois fatores de ordem superior foi de 0,97 o que sugere a presença de um fator hierárquico. Ao verificar as cargas fatoriais do modelo hierárquico de 1 fator verificou-se que um dos itens ficou com carga fatorial inferior a

0,50 e outro com carga fatorial superestimada (acima de 1) o que sugere a exclusão dos itens. Uma nova análise para o modelo foi então realizada sem os itens e foram encontrados resultados de $\chi^2(660) = 1081.331^*$ ($p < 0,001$), RMSEA = 0.042 (95% IC: 0.037 - 0.046; $p < 0,001$), CFI = 0,939 e TLI = 0,935 (ver modelo na Figura 1). As análises dos alfas indicaram um alfa total de 0,92 e entre os fatores variou de 0,72 a 0,89. Cabe destacar que o valor não aumentava com a exclusão de nenhum item. As cargas fatoriais de cada fator podem ser observadas na Tabela 2.

Tabela 2.

Descrição do conteúdo dos itens, cargas fatoriais e fatores do modelo hierárquico

Item	F1- Agressiv idade ($\alpha=0,89$)	F2- Irrespon sabilidade de ($\alpha=0,83$)	F3- Manipul ação Interpers soal ($\alpha=0,87$)	F4-Com. De Risco no Trânsito ($\alpha=0,72$)	F5- Expo ao Risco ($\alpha=0,72$)
E6 – Ser agressivo com as pessoas	0.745				
E21- Se irritar com facilidade	0.612				
E28- Ser violento	0.698				
E29- Ser impaciente com as pessoas	0.736				
E37- Reagir agressivamente quando irritado	0.835				
E38- Ser agressivo e ter vantagens sobre os outros	0.962				
E39- Sou uma pessoa grosseira	0.744				
E43- Falo o que penso, mesmo magoando as pessoas	0.631				
E44- Grito para conseguir o que quero	0.759				
E46- Ajo agressivamente com as pessoas antes que elas façam isso comigo.	0.792				
E49- Tenho dificuldade para me controlar quando alguém faz algo que não gosto	0.680				
E53- Fico agressivo quando alguém me atrapalha	0.722				
E55- Quando alguém é grosso comigo eu sou mais grosso ainda.	0.725				
E7- Dificuldade em cumprir meus compromissos		0.752			
E14- Dificuldade de organização		0.506			
E19- Irresponsabilidade com compromissos		0.702			
E20- Sou cobrado por coisas que deveria ter feito e não fiz		0.628			
E33- Tenho dificuldade em terminar minhas tarefas		0.817			
E41- Costumo deixar meus compromissos de lado para fazer outras coisas		0.826			
E52- Deixar de fazer algo que deveria ter feito		0.782			
E60- Dificuldade para cumprir promessas		0.748			
E13 – Mentir com facilidade			0.736		
E22- Ser o centro das atenções			0.764		
E25- Me esforço para ser sempre o centro das atenções			0.762		
E26- Bajulo as pessoas para obter algo em troca			0.800		
E27- Sou bom em contar mentiras			0.798		
E30- Faço favores pensando no que posso conseguir em troca			0.859		
E31- Ser mais importante que os outros			0.797		
E35- Falo o que as pessoas querem ouvir			0.785		
E36- Sei como convencer as pessoas			0.633		
E50- Uso meu charme para conseguir o que quero			0.683		
E10- Faço ultrapassagens arriscadas no trânsito				0.710	
E23- Buzino muito no trânsito sem me preocupar com as consequências para os outros				0.724	
E40- Gosto de andar em alta velocidade, mesmo sabendo dos riscos				0.703	
E63 - Me envolvo em situações de risco				0.822	
E45- Gosto de atividades que geram adrenalina					0.697
E58- Procuo viver intensamente					0.625
E62- Acredito que a vida é muito curta para ser vivida sem emoção					0.894

Por fim, foram analisadas possíveis diferenças nas pontuações entre os sujeitos e a correlação entre o uso de bebida alcóolica e a pontuação total na E-Cant. Foram encontradas diferenças significativas entre pessoas que fazem o uso de bebida alcóolica

até uma vez por semana e pessoas que consomem de duas ou mais vezes por semana, sendo que este último grupo apresentou maiores médias ($t=-2,214$; $df=82$; $p=0,03$). A correlação de Pearson entre o uso de bebida alcoólica e a pontuação total na E-Cant foi positiva e significativa de magnitude moderada ($r=0,21$; $p<0,05$) (Hemphill, 2003).

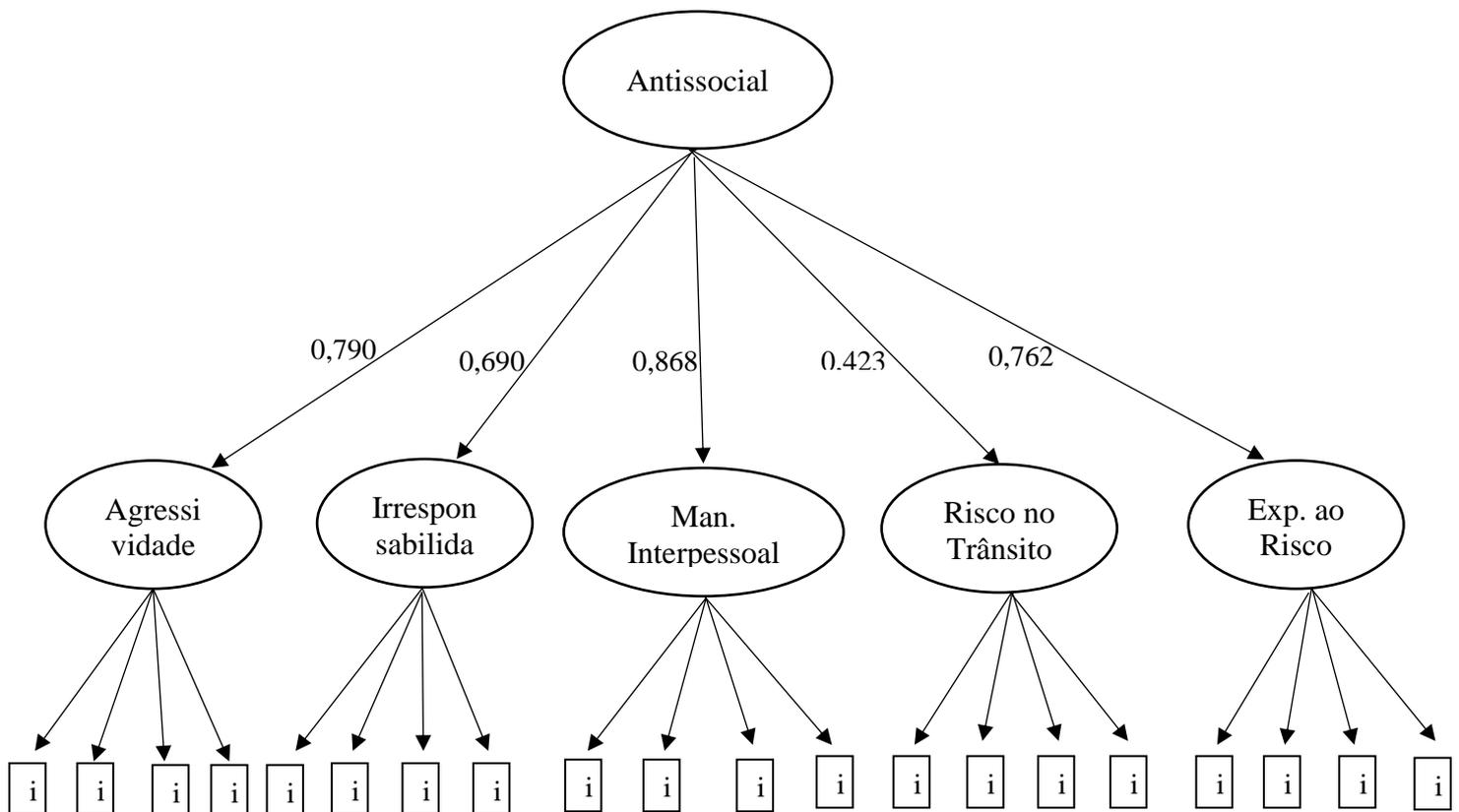


Figura 1. Modelo Hierárquico da E-Cant.

Discussão

A avaliação do Comportamento Antissocial tem como base traços desinibidos e antagônicos, incluindo agressividade, bem como especificadores da psicopatia como pressuposto por diferentes grupos de pesquisa (APA, 2014; Burt et al., 2012; Jesuíno & Rueda, manuscrito submetido; Kotov et al., 2017). Para tanto, o objetivo principal deste artigo foi construir uma escala de comportamentos antissociais e verificar suas propriedades psicométricas iniciais.

Os resultados indicaram um modelo hierárquico parcimonioso com bons índices de ajuste para um conjunto de 38 itens com altas cargas fatoriais que indicam a alta capacidade discriminativa dos mesmos (Asún, et. al, 2016). Em amostras acima de 250 pessoas é esperado que valores de χ^2 apresentem valores-*p* significantes, CFI ou TLI acima de 0,90 e RMSEA<0,07. Os valores de alfa do instrumento foram considerados de bons a excelentes (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009). A quantidade de fatores extraídos do modelo pode ser compreendida ao se considerar que os traços, apesar de pertencerem a dimensões distintas que compartilham conteúdos similares, como é o caso de Hostilidade e Agressividade que, para alguns autores (e.g., Lobbestael, Cima, & Arntz, 2013), a hostilidade é preditora da agressividade. A Exposição ao risco e a Impulsividade partem do pressuposto de gratificações imediatas sem levar em consideração o aprendizado passado ou consequências futuras e estão associados a comportamentos irresponsáveis (APA, 2014). Por sua vez, a manipulação envolve engano e/ou coerção para com os outros (desonestidade), de forma intencional e planejada e a falta de empatia para com os outros (insensibilidade) (Bowers, 2003). Esses aspectos contribuem para a compreensão de agrupamentos de itens que ocorreram entre os fatores.

Apesar da relevância do estudo desenvolvido por Hauck-Filho et al. (2014), este estudo contrapõe o resultado encontrado pelos autores anteriormente citados, pois parte de uma avaliação de múltiplos traços a partir dos domínios de desinibição e antagonismo como indicado por modelos avaliativos (APA, 2014; Conway et al., 2018; Kotov et al., 2017). Isso pode ser compreendido pela análise qualitativa dos itens, assim como apresentado pelos autores (Hauck-Filho et al., 2014) os itens do instrumento breve de comportamento antissocial descrevem antagonismo, baixa cooperação, hostilidade e agressão, que são traços que avaliam primordialmente aspectos antagônicos, o que justifica a unidimensionalidade encontrada pelos autores.

Em relação ao modelo estrutural encontrado, um importante aspecto deve ser mencionado. Foram consideradas as duas dimensões, desinibição e antagonismo (APA, 2014; Kender, et al., 2012; Kotov, 2017), incluindo agressividade (Burt et al., 2012) para a construção do instrumento. Os resultados indicaram um bom ajuste para um modelo hierárquico de dois fatores de ordem superior. Contudo, como a correlação encontrada entre eles foi alta (0,97) a literatura sugere a presença de um fator, pois provavelmente avaliam a mesma característica (Hemphill, 2003). Desse modo, a estrutura teórica adotada permitiu a replicação de um modelo estrutural em pesquisa de caráter genético e dos critérios do DSM (Rosenström, et al., 2018).

Para além disso, o teste conseguiu diferenciar pessoas que consomem bebida alcóolica até uma vez por semana das que consomem duas ou mais vezes na semana tal qual esperado na literatura (Kender et al., 2012). Complementarmente, as correlações encontradas foram significativas e positivas tal qual esperado indicando que quanto maior o consumo de álcool maior a pontuação no teste.

Apesar dos resultados aqui encontrados é necessário indicar que itens de impulsividade não apresentaram altas cargas e acabaram sendo excluídos. Ainda que os itens de irresponsabilidade reflitam possíveis problemas em resposta a possíveis comportamentos impulsivos, é necessário que novos estudos sejam realizados considerando os itens de impulsividade ou a criação de novos itens para verificar se a estrutura obtida é diferente da encontrada neste estudo. Embora tenha sido criado inicialmente para a população geral é necessário que novos estudos sejam realizados considerando diferentes populações como a carcerária, candidatos à Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e pessoas com transtornos de personalidade que possuem o comportamento antissocial como característica-chave.

Referências

- American Psychiatric Association ([APA]), (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais -DSM-5*. (5ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Asún, R. A., Rdz-Navarro, K., & Alvarado, J. M. (2016). Developing multidimensional Likert scales using item factor analysis: The case of four-point items. *Sociological Methods & Research*, 45(1), 109-133. doi: 10.1177/0049124114566716.
- Bowers, L. (2003). Manipulation: description, identification and ambiguity, *Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing*, 10(3), 323–328. doi:10.1046/j.1365-2850.2003.00602.x
- Burt, S. A., Donnellan, M. B., & Tackett, J. L. (2012). Should social aggression be considered “antisocial”? *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 34(2), 153–163. doi:10.1007/s10862-011-9267-0
- Carey, G., & Goldman, D. (1997). The genetics of antisocial behavior. In D. M. Stoff, J. Breiling, & J. D. Maser (Eds.), *Handbook of antisocial behavior* (pp. 243-254). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc.
- Coie, J. D., & Dodge, K. A. (1998). Aggression and antisocial behavior. In W. Damon & N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 779-862). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc.
- Conway, C., Forbes, M. K., Forbush, K. T., Fried, E. I., Hallquist, M. N., Kotov, R., ... Eaton, N. R. (2018). A Hierarchical Taxonomy of Psychopathology Can Transform Mental Health Research. doi:10.17605/OSF.IO/WSYGP
- Derefinko, K. J., & Widiger, T. A. (2016). Antisocial personality disorder. In *The medical basis of psychiatry* (pp. 229–245). New York, NY: Springer.
- Donovan, J. E., & Jessor, R. (1985). Structure of Problem Behavior in Adolescence and

- Young Adulthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53(6), 890–904. doi: 10.1037/0022-006X.53.6.890
- Dziuban, C. D., & Shirkey, E. C. (1974). When is a correlation matrix appropriate for factor analysis? Some decision rules. *Psychological Bulletin*, 81(6), 358-361. doi:10.1037/h0036316.
- Farrington, D. P. (1995). The Twelfth Jack Tizard Memorial Lecture - The development of offending and antisocial behaviour from childhood: Key findings from the Cambridge study in delinquent development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*. doi:10.1111/j.1469-7610.1995.tb01342.x
- Ferrando, P.J. & Lorenzo-Seva, U. (2018). Manual Of The Program FACTOR. Recuperado de <http://psico.fcep.urv.es/utilitats/factor/index.html>.
- Forbes, M. K., Kotov, R., Ruggero, C. J., Watson, D., Zimmerman, M., & Krueger, R. F. (2017). Delineating the joint hierarchical structure of clinical and personality disorders in an outpatient psychiatric sample. *Comprehensive Psychiatry*, 79, 19–30. doi:10.1016/j.comppsy.2017.04.00
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman Editora.
- Hauck Filho, N., Salvador-Silva, R., & Teixeira, M. A. (2014). Análise de Teoria de Resposta ao Item de um Instrumento Breve de Avaliação de Comportamentos Antissociais. *Psico*, 45(1), 120-125. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/14501/11448>
- Hemphill, J. F. (2003). Interpreting the Magnitudes of Correlation Coefficients. *American Psychologist*. doi:10.1037/0003-066X.58.1.78

- Jesuino, A. D. S. A. & Rueda, F. J. M. (manuscrito submetido). Comportamento Antissocial: identificação de instrumentos de avaliação por meio de revisão integrativa. *Avaliação Psicológica*.
- Jones, S. E., Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2011). Personality, antisocial behavior, and aggression: A meta-analytic review. *Journal of Criminal Justice*, 39(4), 329–337. doi:10.1016/j.jcrimjus.2011.03.004
- Kotov, R., Waszczuk, M. A., Krueger, R. F., Forbes, M. K., Watson, D., Clark, L. A., ... Zimmerman, M. (2017). The hierarchical taxonomy of psychopathology (HiTOP): A dimensional alternative to traditional nosologies. *Journal of Abnormal Psychology*. doi:10.1037/abn0000258
- Kendler, K. S., Aggen, S. H., & Patrick, C. J. (2012). A multivariate twin study of the DSM-IV criteria for antisocial personality disorder. *Biological Psychiatry*. doi:10.1016/j.biopsych.2011.05.019
- Lobbestael, J., Cima, M., & Arntz, A. (2013). The relationship between adult reactive and proactive aggression, hostile interpretation bias, and antisocial personality disorder. *Journal of Personality Disorders*, 27(1), 53–66. doi:10.1521/pedi.2013.27.1.53
- Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., Edens, J. F., & Poythress, N. G. (2006). Is antisocial personality disorder continuous or categorical? A taxometric analysis. *Psychological Medicine*, 36, 1571–1581. doi: 10.1017/S0033291706008245
- Miller, J. D., & Lynam, D. (2001). Structural models of personality and their relation to antisocial behavior: A meta-analytic review. *Criminology*, 39(4), 765-798. doi: 10.1111/j.1745-9125.2001.tb00940.x
- Miller, J. D., Lynam, D., & Leukefeld, C. (2003). Examining antisocial behavior through

- the lens of the five factor model of personality. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 29(6), 497-514.
doi: 10.1002/ab.10064
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674–701.
doi:10.1037/0033-295X.100.4.674
- Muthén, L. & Muthén, B. (1998-2012). Mplus User's Guide. Version 7. Los Angeles, CA: Muthén & Muthén.
- Rautiainen, M. R., Paunio, T., Repo-Tiihonen, E., Virkkunen, M., Ollila, H. M., Sulkava, S., ... Tiihonen, J. (2016). Genome-wide association study of antisocial personality disorder. *Translational Psychiatry*. doi:10.1038/tp.2016.155
- Roberts, B. W., & DelVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: a quantitative review of longitudinal studies. *Psychological bulletin*, 126(1), 3. doi:10.1037//0033-2909.126.1.3
- Rosenström, T., Gjerde, L. C., Krueger, R. F., Aggen, S. H., Czajkowski, N. O., Gillespie, N. A., ... Ystrom, E. (2018). Joint factorial structure of psychopathology and personality. *Psychological Medicine*, 1–10. doi:10.1017/s0033291718002982
- Santana, G. L., Coelho, B. M., Wang, Y.-P., Chiavegatto Filho, A. D. P., Viana, M. C., & Andrade, L. H. (2018). The epidemiology of personality disorders in the Sao Paulo Megacity general population. *PLoS ONE*, 13(4). doi: 10.1371/journal.pone.0195581
- Skeem, J. L., Miller, J. D., Mulvey, E., Tiemann, J., & Monahan, J. (2005). Using a five-factor lens to explore the relation between personality traits and violence in

psychiatric patients. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(3), 454–65. doi:10.1037/0022-006X.73.3.454

Tiihonen, J., Rautiainen, M. R., Ollila, H. M., Repo-Tiihonen, E., Virkkunen, M., Palotie, A., ... Paunio, T. (2015). Genetic background of extreme violent behavior. *Molecular Psychiatry*. doi:10.1038/mp.2014.130

Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220.

Wallace, J. F., Malterer, M. B., & Newman, J. P. (2009). Mapping Gray's BIS and BAS constructs onto Factor 1 and Factor 2 of Hare's Psychopathy Checklist - Revised. *Personality and Individual Differences*, 47(8), 812–816. doi:10.1016/j.paid.2009.06.019

Wright, A. G., & Simms, L. J. (2015). A metastructural model of mental disorders and pathological personality traits. *Psychological medicine*, 45(11), 2309-2319. doi:10.1017/S0033291715000252

Artigo 3

O jeito brasileiro de conduzir: evidências de validade para uma escala de comportamento antissocial (E-Cant)

Resumo: Diferentes estudos têm identificado traços de personalidade relacionados ao comportamento infrator. O objetivo dessa pesquisa foi buscar evidências de validade de critério e incremental para a E-Cant no contexto do trânsito. Participaram 369 pessoas dos estados de Paraná, Piauí e São Paulo que responderam à E-Cant, um instrumento breve de comportamentos antissociais, e o questionário de comportamento do motorista. Os resultados indicaram a E-Cant como um preditor de comportamentos de erros, lapsos e violações e conseguiu discriminar grupos de pessoas com multas leves e médias de graves e gravíssimas. Também apresentou validade incremental para lapsos e violações. Estudos futuros devem considerar a desejabilidade social e ainda o quanto a mesma pode influenciar em avaliações de candidatos à CNH.

Palavras-chave: comportamento de motoristas; antissocial; trânsito;

Abstract: Different studies have identified personality traits related to offending behavior. The objective of this research was to search for evidence of criterion and incremental validity for E-Cant in the context of traffic. Participants were 369 people from the states of Paraná, Piauí and São Paulo who responded to E-Cant, a brief instrument of antisocial behavior, and the driver's behavior questionnaire. The results indicated E-Cant as a predictor of error behavior, lapses and violations and managed to discriminate groups of people with light and medium and severe and severe fines. It also presented incremental validity for lapses and violations. Future studies should consider social desirability and also how much it may influence CNH candidate evaluations.

Keywords: driver behavior; antisocial; Traffic;

Resumen: Diferentes estudios han identificado rasgos de personalidad relacionados con el comportamiento infractor. El objetivo de esta investigación fue buscar evidencias de validez de criterio e incremental para E-Cant en el contexto del tránsito. Participaron 369 personas de los estados de Paraná, Piauí y São Paulo que respondieron a E-Cant, un instrumento breve de comportamientos antisociales, y el cuestionario de comportamiento del conductor. Los resultados indicaron a E-Cant como un predicador de comportamientos de errores, lapsos y violaciones y consiguió discriminar a grupos de personas con multas leves y medias de graves y gravísimas. También presentó validez incremental para lapsos y violaciones. Los estudios futuros deben considerar la deseabilidad social y aún cuánto puede influir en las evaluaciones de candidatos a la CNH.

Palabras clave: comportamiento del motorista; antissocial; tránsito;

Introdução

A cultura local, regional ou nacional tem uma influência significativa sobre a percepção de risco e o comportamento do condutor (Nordfjærn, Şimşekoğlu, & Rundmo, 2014; Sucha, Viktorova & Risser, 2016). Dados da Organização Mundial da Saúde [World Health Organization (2015)] indicaram que no Brasil, no ano de 2013, foram

46900 vítimas fatais, sendo 23,5 para cada 100.000 habitantes. Esse índice é maior do que de países como Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina, China, e Estados Unidos.

No Brasil as regiões apontadas com o maior número de óbitos de jovens no trânsito são o Norte e o Nordeste. Destaque é dado para os estados do Piauí, Bahia e Maranhão, que de 2002 a 2012, quase duplicaram seus números. Nas outras regiões do país os números também aumentaram, porém em menor escala, mas com destaque para os estados de Minas Gerais e Paraná (Waiselfisz, 2014). Nesse contexto, o comportamento do condutor aparece como principal aspecto relacionado ao envolvimento em acidentes e mortes no trânsito (Rozestraten, 1988).

Estima-se que cerca de 90% das ocorrências dos acidentes sejam em função de erros e violações às leis de trânsito (Hoffman, 2005). Para compreender o comportamento do condutor um instrumento denominado *Driver Behavior Questionnaire* (DBQ) foi desenvolvido para avaliar erros, lapsos e violações (Reason, Manstead, Stradling, Baxter & Campbell, 1990). Erros são relacionados a uma sequência de atividades planejadas que não atingem o resultado esperado, ou seja, desvios não intencionais da ação original, falhas no julgamento ou tomada de decisão. Os lapsos são um tipo de erro e referem-se a falhas na atenção e memória, enquanto violações estariam relacionadas a atitudes e motivação, o que implica em intencionalidade, ou seja, o condutor sabe que está realizando um comportamento infrator. Para outros autores, a violação apresentava além de aspectos considerados como violações comuns, violações agressivas que era caracterizada por um componente emocional e incluía aspectos como raiva, embora nem sempre tenha sido replicada. Sendo que os tipos de violações são os fatores os mais associados a acidentes (Cordazzo, Scialfa, Bubric, & Ross, 2014).

Estudos com o DBQ têm sido realizados verificando a associação de traços da personalidade com comportamentos infratores, de violações e risco no trânsito (para

maiores detalhes ver Mognon & Rueda, 2016). Os traços de busca por emoção, agressividade, hostilidade, ausência de respeito às normas, impulsividade, raiva, estresse e tendência a assumir riscos foram os mais associados. Esse conjunto de traços remete ao comportamento antissocial que é considerado o desrespeito ao direito dos outros, causando prejuízos ao indivíduo e à sociedade e é formado por aspectos antagônicos composto por traços de hostilidade, manipulação, desonestidade, insensibilidade e de desinibição formado por fatores como a exposição ao risco, impulsividade e irresponsabilidade (*American Psychiatric Association- APA, 2014*), além de um componente agressivo (Burt, Donnellan, & Tackett, 2012).

A hostilidade tem relação com comportamentos de raiva e/ou irritabilidade enquanto a manipulação é a capacidade de influenciar o comportamento do outro para obter ganhos. A desonestidade é caracterizada por comportamentos fraudulentos e a invenção ou embelezamento de situações, com uma representação distorcida de si, enquanto que a insensibilidade diz respeito a ausência de preocupação com os outros. A agressividade, por sua vez, é um comportamento antagônico que visa gerar um dano físico ou psicológico ao outro podendo ser em reação a algo ou a alguma provocação, ou ainda como algo voluntário e deliberado. A exposição ao risco está relacionada ao anseio por estar em situações de perigo iminente. A impulsividade é uma ação imediata e que desconsidera as consequências da mesma, enquanto a irresponsabilidade tem relação com o descumprimento de obrigações anteriormente assumidas (APA, 2014).

Variáveis de desinibição, como falta de planejamento, estariam mais associadas a violações, que estão diretamente relacionadas à infrações (Constantinou, Panayiotou, Konstantinou, Loutsiou-Ladda, & Kapardis 2011). Outros autores indicaram que os domínios antagonismo e afetividade negativa são melhores para predizer violações, ao passo que afetividade negativa e desinibição contribuíram na predição de erros e lapsos.

Dentre os traços estudados, os autores indicaram a hostilidade como melhor preditora de violações agressivas, e a tendência em assumir riscos e hostilidade predisseram melhor as violações enquanto irresponsabilidade, insegurança de separação e busca por atenção foram preditores de lapsos (Beanland et al., 2014). Para os autores, a busca por sensações, a raiva, e a hostilidade são os principais traços relacionados ao comportamento infrator, sendo que a hostilidade parece ser o traço mais influente.

Outro estudo verificou a associação entre os traços de ansiedade, hostilidade, busca por sensações, altruísmo e a tendência a descumprir regras em motoristas. Os resultados indicaram que atitudes positivas no trânsito, ou seja, seguir as normas de trânsito, foram preditores de alta ansiedade, baixa hostilidade e desrespeito às normas. Especificamente, o traço de personalidade de busca por sensações foi um preditor de violações e hostilidade foi preditor de erros e lapsos (Lucidi, Mallia, Luazuras & Violani, 2014).

Em virtude desses resultados, evidencia-se a importância da realização de estudos empíricos nacionais que avaliem os traços de personalidade e suas capacidades preditivas em relação às infrações no trânsito, com amostras de diferentes regiões do país (Mognon & Rueda, 2016). Para tanto, o objetivo deste trabalho foi buscar evidências de validade de critério externo para a Escala de Comportamentos Antissociais (E-Cant) em relação ao DQB e ao tipo de multa de motoristas. Também foram buscadas evidências de validade convergente com base no Instrumento Breve de Comportamento Antissocial (IBCAS) e evidências de validade incremental para a E-Cant utilizando o DQB e o IBCAS.

Método

Participantes

Participaram desse estudo 369 pessoas dos estados do Paraná (48,1%) que estavam em curso de reciclagem de motoristas no Departamento de Trânsito do Estado (DETRAN-PR), e universitários de São Paulo (33,4%) e do Piauí (18,5%). Destes, 51,3% são do sexo masculino, com idade entre 18 a 80 anos ($M=34,77$; $DP=13,26$) e a maioria solteiro (54,4%). Quanto à escolaridade, a maioria possui ensino superior completo/incompleto (56,3%), sendo 34,8% formada por estudantes universitários.

Instrumentos

Escala de Avaliação do Comportamento Antissocial (E-Cant)

É formada por 38 itens divididos em cinco fatores denominados de Agressividade, Manipulação Interpessoal, Irresponsabilidade, Comportamento de Risco no Trânsito e Exposição ao Risco. A escala é respondida por meio de um modelo tipo Likert 4 pontos (1=nada a ver comigo a 4=tudo a ver comigo). Os valores de alfa encontrados para a escala neste estudo foram de 0,89 para agressividade, 0,83 para irresponsabilidade, 0,87 para manipulação interpessoal, de 0,72 para comportamento de risco no trânsito e de 0,72 para exposição ao risco e de 0,93 para a pontuação total.

Instrumento Breve de Avaliação de Comportamentos Antissociais (Hauck-Filho, Salvador-Silva & Teixeira, 2014)

Criado para o uso em pesquisas e rastreio junto à população geral adulta, formado por 13 itens dispostos em uma escala do tipo Likert de 1 (nunca) a 4 (quase sempre ou sempre). Os estudos iniciais revelaram uma variância total dos itens de 66,94%, com poucas correlações residuais ($RMSR = 0,038$). A análise fatorial confirmatória revelou um excelente ajuste $\chi^2 = 77,31$, $gl = 65$, $p = 0,141$, $CFI = 0,998$, $TLI = 0,997$, $RMSEA =$

0,030 (IC 90% = 0,000-0,054). A precisão foi calculada pelo alfa de Cronbach e o valor encontrado foi de 0,97 indicando um ótimo índice.

Questionário de Comportamento do Motorista, QCM (Driver Behaviour Questionnaire, DBQ) de Reason, Manstead, Stradling, Baxter e Campbell (1990) adaptado por Veiga, Pasquali e Silva (2009), versão Jesuíno e Rueda (2017).

A escala original desenvolvida por Reason et al. (1990) possui 50 questões relacionadas com a variedade de erros e violações presentes no ato de dirigir. Veiga, et al. (2009) realizaram uma adaptação dessa escala para o Brasil. O instrumento é composto por 39 itens que abrangem os fatores Erros (ocorrem devido a falhas no processamento da informação), Lapsos (são ações não-intencionais e inconscientes) e Violação (existe a intenção deliberada de infringir uma norma).

Para responder os itens é utilizada uma escala Likert de cinco pontos, sendo (1) nunca, (2) raramente, (3) às vezes, (4) frequentemente, (5) sempre. Na versão de Jesuíno e Rueda (2017) alguns itens foram alterados em virtude da escrita para facilitar a compreensão do leitor, e um item foi excluído (Tranca o carro com as chaves dentro), pois atualmente os carros possuem sistemas que não permitem que as portas travem com a chave na ignição. Dessa forma, o instrumento utilizado é composto por 38 itens e o fator erros ficando assim com 12 itens. Dessa forma a pontuação da escala varia de 38 a 190 pontos. O índice de confiabilidade (alfa de Cronbach) encontrado para o fator erros foi de 0,80 e para os fatores lapsos e violações foi de 0,76 cada.

Procedimentos

O projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade São Francisco (CAEE: 69599717.1.0000.5514). A coleta foi agendada e os participantes foram esclarecidos dos objetivos da pesquisa e posteriormente assinaram o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Posteriormente, responderam à Escala de Avaliação do Comportamento Antissocial (E-Cant), o Instrumento Breve de Comportamentos Antissociais e o Questionário do Comportamento do Motorista (QCM). É importante mencionar que o grupo de Curitiba foi esclarecido de que a aplicação não tinha relação com o processo de reciclagem. As aplicações foram coletivas com cerca de 30 pessoas por turma e duraram aproximadamente 20 minutos.

Análise de Dados

Inicialmente foram verificadas as estatísticas descritivas. Posteriormente, foram analisadas as possíveis diferenças entre grupos de pessoas com distintos tipos de multas por meio do teste *t* de *Student* e o *d* de Cohen (1988) considerando pessoas com multas leves e médias de pessoas com multas graves e gravíssimas. Também foi realizada a correlação de *Pearson* entre os três instrumentos. Por fim, foi realizada uma regressão múltipla para verificar o quanto o comportamento antissocial explica erros, lapsos e violações e o quanto a E-Cant incrementa a explicação de erros, lapsos e violações em relação ao Instrumento Breve de Comportamentos Antissociais. O nível de significância foi $p \leq 0,05$ para todas as análises.

Resultados

As pessoas com multas foram divididas em um grupo com multas leves e médias e outro com multas graves e gravíssimas. Isso foi realizado pois pessoas com multas gravíssimas e médias não apresentavam mais de cinco sujeitos e pelo fato de que parte da amostra não possuía a Carteira Nacional de Habilitação (CNH), contudo, isso não implica em ter baixos traços de comportamento antissocial e que pudessem, dessa forma, enviesar os resultados. As análises indicaram a existência de diferenças significativas entre os dois

grupos tanto na pontuação total como por fatores. Os resultados podem ser verificados na

Tabela 1.

Tabela 1.

Diferenças de médias entre grupos com multas

	Tipo_Multas	N	Média	Desvio Padrão	t	d
E-Cant_Total	leves e médias	43	54,23	12,71	-3,565**	0,59
	grave e gravíssima	134	62,70	15,91		
Agressividade	leves e médias	46	17,89	5,03	-2,631*	0,42
	grave e gravíssima	145	20,27	6,22		
Irresponsabilidade	leves e médias	45	11,56	3,45	-3,658**	0,58
	grave e gravíssima	145	13,87	4,44		
Manipulação Interpessoal	leves e médias	46	13,28	4,42	-2,581*	0,42
	grave e gravíssima	140	15,32	5,28		
Comportamento de Risco no Trânsito	leves e médias	47	5,19	1,78	-3,929**	0,60
	grave e gravíssima	145	6,48	2,43		
Exposição ao Risco	leves e médias	47	5,62	2,28	-2,328*	0,39
	grave e gravíssima	146	6,51	2,28		

p≤0,01* p≤0,001**

Por meio da Tabela 1 é possível perceber que o grupo com multas graves e gravíssimas apresentaram maiores médias em todos os fatores e na pontuação geral do teste. Os valores do tamanho do efeito variaram de pequenos ($0,20 \leq d < 0,50$) a médios ($0,50 \leq d < 0,80$) (Cohen, 1988).

Posteriormente foram verificadas as correlações entre a pontuação total da E-Cant e seus fatores com o Instrumento Breve de Comportamento Antissocial e o QCM. Os resultados podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2

Matriz de correlações entre a pontuação da E-Cant e dos fatores com Instrumento Breve de Comportamentos Antissociais e Erros, Lapsos e Violações.

	IBCAS_TOTAL	ERROS	LAPSOS	VIOLAÇÕES
E-Cant_Total	0,57**	0,38**	0,35**	0,63**
Agressividade	0,48**	0,30**	0,29**	0,50**
Irresponsabilidade	0,43**	0,35**	0,37**	0,40**
Manipulação Interpessoal	0,54**	0,30**	0,25**	0,49**
Comportamento de Risco no Trânsito	0,34**	0,25**	0,28**	0,67**
Exposição ao Risco	0,15**	0,05	0,04	0,20**

p≤0,01**

De acordo com a Tabela 2, a E-Cant total e seus fatores apresentaram correlações significativas, positivas e de forte magnitude com o IBCAS, com exceção do fator exposição ao risco que apresentou uma correlação fraca. Em relação as correlações com erros, lapsos e violações apenas o fator exposição ao risco não apresentou valores significativos com erros e lapsos. Com os outros fatores e a pontuação total as correlações entre erros e lapsos do QCM variaram de magnitudes moderadas a fortes, de forma positiva e significativa. No que diz respeito ao fator violações, todas as correlações foram significativas e positivas de forte magnitude, com exceção do fator exposição ao risco que apresentou correlação de magnitude moderada (Hemphill, 2003).

Procedeu-se então para as análises de regressão para verificar o quanto a E-Cant prediz os comportamentos de erros, lapsos e violações. Também foi testada a validade incremental em relação ao IBCAS com base nos três comportamentos do condutor.

Tabela 3.

Regressão da pontuação total da E-Cant predizendo erros, lapsos e violações.

V. Independentes	Modelo para Erros			Modelo para Lapsos			Modelo para Violações		
	Coeficientes			Coeficientes			Coeficientes		
	Beta	<i>t</i>	<i>p</i>	Beta	<i>t</i>	<i>P</i>	Beta	<i>t</i>	<i>p</i>
1(Constante)		23,297	0,001		13,271	0,001		19,672	0,001
SEXO	-0,128	-2,315	0,02	0,176	2,805	0,005	-0,164	-3,103	0,002
IDADE	-0,116	-2,102	0,03	-0,103	-1,643	0,102	-0,347	-6,559	0,001
2(Constante)		10,515	0,001		5,108	0,001		3,661	0,001
SEXO	-0,084	-1,590	0,113	0,186	3,135	0,002	-0,061	-1,367	0,173
IDADE	-0,022	-0,396	0,693	-0,031	-0,519	0,604	-0,151	-3,229	0,001
E-Cant-Total	0,332	6,229	0,001	0,345	5,771	0,001	0,564	12,022	0,001
R ² ajustado	0,124			0,151			0,402		

Nota: V.Independentes= variáveis independentes; ECANT_TOTAL= pontuação total da escala de avaliação de comportamentos antissociais;

As variáveis sociodemográficas foram colocadas no primeiro bloco afim de controlar a influência das mesmas. No Bloco 2 utilizou-se a pontuação total da E-Cant. Com base na Tabela 3 é possível perceber que a E-Cant apresentou uma capacidade preditiva de 12,4% para o modelo de erros de condução, enquanto que para o modelo de lapsos foi de 15,1%. É importante mencionar que nesse modelo o sexo também apresentou uma capacidade preditora ($\beta=0,186$; $p=0,002$). Portanto, é uma variável que

está associada a uma maior predição de erros, nesse caso, para os homens. Para o modelo de violações no trânsito a E-Cant contribuiu significativamente para o modelo ($\beta=0,564$; $p<0,001$) que apresentou uma capacidade preditiva de 40,2%. Neste modelo, a idade também foi uma preditora ($\beta=-0,151$; $p=0,001$) indicando que uma maior idade implica em uma menor presença dos comportamentos antissociais.

Posteriormente, verificou-se a capacidade preditiva do IBCAS e E-Cant para os modelos de erros, lapsos e violações. Nesta avaliação buscou-se avaliar a validade incremental da E-Cant. Os resultados podem ser observados na Tabela 4.

Tabela 4. Regressão do IBCAS e da E-Cant predizendo erros, lapsos e violações.

V. Independentes	Modelo para Erros			Modelo para Lapsos			Modelo para Violações		
	Coeficientes			Coeficientes			Coeficientes		
	Beta	t	P	Beta	T	p	Beta	t	p
1(Constante)		22,825	0,01		12,919	0,01		19,455	0,01
SEXO	-,121	-2,167	0,03	0,177	2,801	0,05	-0,167	-3,143	0,01
IDADE	-,123	-2,214	0,02	-0,999	-1,561	0,120	-0,356	-6,694	0,01
2(Constante)		5,471	0,01		-0,428	0,669		5,482	0,01
SEXO	0,013	0,278	0,78	0,234	4,108	0,001	-0,071	-1,446	0,14
IDADE	0,080	1,713	0,08	0,022	0,372	0,711	-0,212	-4,208	0,01
IBCAS_TOTAL	0,647	13,769	0,01	0,463	8,014	0,001	0,449	8,853	0,01
ΔR^2 para Modelo 2	0,365		0,01	0,199		0,01	0,175		0,01
3 (Constante)					-0,687	0,493		2,214	0,02
SEXO	0,013	0,290	0,77	0,229	4,070	0,001	-0,042	-0,949	0,34
IDADE	0,082	1,751	0,08	0,036	0,629	0,530	-0,134	-2,860	0,05
IBCAS_TOTAL	0,635	11,648	0,01	0,383	5,880	0,001	0,189	3,347	0,01
ECANT_TOTAL	0,022	0,412	0,68	0,167	2,603	0,001	0,455	8,013	0,01
R ² ajustado	0,384			0,255			0,425		
ΔR^2 para Modelo 3	0,00		0,68	0,021		0,01	0,119		0,01

Nota: V.Independentes= variáveis independentes; IBCAS_TOTAL= pontuação total do instrumento breve de comportamento antissocial; ECANT_TOTAL= pontuação total da escala de avaliação de comportamentos antissociais; ΔR^2 =diferença entre os modelos.

Por meio da Tabela 4 é possível verificar que ao incrementar a predição com a E-Cant no modelo de erros que ela explicou 2,2%, porém o modelo não foi significativo e a diferença entre o modelo com o incremento da E-Cant foi de zero. Em relação aos lapsos a contribuição única foi de 16,7% com predição total de 25,5%. O incremento da E-Cant a esse modelo em relação ao IBCAS foi de 2,1%. No que diz respeito a violações, a contribuição da E-Cant ao modelo foi de 45,5%. A diferença em relação ao incremento

da E-Cant para o modelo com o IBCAS foi de 11,9%.

Discussão

O objetivo desse estudo foi buscar evidências de validade para a E-Cant considerando um instrumento que avalia comportamento antissocial, um questionário de comportamento do condutor e as diferenças de médias entre pessoas com distintos tipos de multas. Cabe destacar que o conjunto de traços considerados como maiores preditores de acidentes, violações e infrações de trânsito compõem o que é identificado como comportamento antissocial. Desse modo, os resultados aqui encontrados indicam evidências de validade de critério externo, convergente e incremental para a E-Cant.

As diferenças de médias entre grupos com multas leves e médias daquelas com multas graves e moderadas indicaram maiores pontuações para as pessoas com multas graves e gravíssimas. Esse resultado corresponde ao que era esperado na literatura (Beanland et al., 2014; Constantinou et al., 2011), pessoas que apresentam mais traços de comportamento antissocial tem maiores probabilidades de cometerem infrações. Nesse caso, quanto maior a pontuação maior a gravidade do tipo de infração cometida.

Os resultados encontrados nas correlações corroboram esses achados pois, com exceção de exposição ao risco todos os fatores, bem como a pontuação total E-Cant foram significativas com erros, lapsos e violações. Uma possível hipótese para ausência de significância é que o conteúdo dos itens para o referido fator diz respeito a necessidade de envolver-se em situações que geram adrenalina, o que não implica, necessariamente, em cometer erros e/ou ter lapsos, mas provavelmente mais violações de trânsito. Isso pode ser apoiado pelo fato de que as correlações com o fator de risco no trânsito apresentaram significância estatística. Em relação a correlação com o IBCAS foi encontrada um valor de forte magnitude ($r=0,57$; $p<0,01$) o que indica uma evidência de validade convergente pois ambos os testes avaliam construtos semelhantes (CFP, 2018; Nunes & Primi, 2010).

A capacidade preditiva da E-Cant variou de 12% a 40% para os fatores do QCM. Isso significa que os fatores relacionados a comportamentos antagônicos e de desinibição são bons preditores para erros, lapsos e violações no trânsito (Beanland et al., 2014). Esses valores são relativamente altos quando comparados a estudos anteriores que variaram de 12% a 29% (Lucidi et al., 2014). Isso indica que a associação desses traços prediz melhor o comportamento dos condutores do que quando são utilizados separadamente.

Considerando a validade incremental para a E-Cant, tendo como base o IBCAS os resultados indicaram um incremento para lapsos (2,1%) e violações (11,9%). Esse resultado pode ser em função de que os erros podem ocorrer como resultado de comportamentos hostis e agressivos (Lucidi et al., 2014) que são captados de forma mais patológica pelos itens do IBCAS (Hauck Filho et al., 2014), quando comparado à E-Cant. Isso fez com que a variância do comportamento de erros tenha sido mais explicada pelo IBCAS.

Com base no conteúdo apresentado neste artigo pode-se considerar que a E-Cant apresenta evidências de validade para o contexto do trânsito, podendo ser utilizada na avaliação de condutores para identificar aqueles que tem uma maior tendência a desrespeitar normas e violar o direito dos outros. Contudo, é necessário identificar algumas limitações do estudo como o fato de que parte dos motoristas infratores, da cidade de Curitiba, estarem no curso de reciclagem por assumirem a multa de outros. Apesar de não ser uma quantidade significativa na amostra. Estudos futuros devem, portanto, levar em consideração candidatos à Carteira Nacional de Habilitação, bem como a desejabilidade social em função da avaliação psicológica realizada. Isso significa que alguns indivíduos podem responder aos itens de acordo com o que é esperado, visto como algo positivo na situação avaliada. Também é necessária a realização de estudos com outros instrumentos de personalidade que avaliam tanto aspectos patológicos como

saudáveis.

Referências

- American Psychiatric Association. (2017). APA (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Dsm, 5*.
- Beanland, V., Sellbom, M., & Johnson, A. (2014). Personality domains and traits that predict self-reported aberrant driving behaviours in a southeastern US university sample. *Accident Analysis and Prevention*, 72, 184-192. doi: 10.1016/j.aap.2014.06.023
- Burt, S. A., Donnellan, M. B., & Tackett, J. L. (2012). Should social aggression be considered “antisocial”? *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 34(2), 153-163. doi: 10.1007/s10862-011-9267-0
- Constantinou, E., Panayiotou, G., Konstantinou, N., Loutsiou-Ladd, A., & Kapardis, A. (2012). Risky and aggressive driving in young adults: Personality matters. *Accident Analysis and Prevention*, 43(4), 1323-1331. doi: 10.1016/j.aap.2011.02.002
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioural sciences*.
- Cordazzo, S. T., Scialfa, C. T., Bubic, K., & Ross, R. J. (2014). The driver behaviour questionnaire: A north American analysis. *Journal of safety research*, 50, 99-107. doi: 10.1016/j.jsr.2014.05.002
- Hauck Filho, N., Silva, R. S., & Teixeira, M. A. P. (2014). Análise de teoria de resposta ao item de um instrumento breve de avaliação de comportamentos antissociais. *Psico*, 45(1), 120-125. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/14501/11448>
- Hemphill, J. F. (2003). *Interpreting the magnitudes of correlation coefficients*. doi:

10.1037/0003-066X.58.1.78

- Hoffmann, M. H. (2005). Comportamento do condutor e fenômenos psicológicos. *Psicologia: pesquisa e trânsito*, 1(1), 17-24. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppet/v1n1/v1n1a04.pdf>
- Jesuino, A. D. S. A., & Rueda, F. J. M. (2017). Evidências de validade para testes de Impulsividade e Atenção no contexto do trânsito. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(2), 24-41. doi: 10.18256/2175-5027.2017.v9i2.1776
- Lucidi, F., Mallia, L., Lazuras, L., & Violani, C. (2014). Personality and attitudes as predictors of risky driving among older drivers. *Accident Analysis and Prevention*, 72, 318-324. doi: 10.1016/j.aap.2014.07.02
- Mognon, J. F., & Rueda, F. J. M. (2016). Avaliação da personalidade no contexto do trânsito: revisão de literatura. *Avaliação Psicológica*, 15(spe), 33-43. doi: 10.15689/ap.2016.15ee.04
- Nunes, C. H. S. S., & Primi, R. (2010). Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. *Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão*, 101-128.
- Reason, J., Manstead, A., Stradling, S., Baxter, J., & Campbell, K. (1990). Errors and violations on the roads: a real distinction?. *Ergonomics*, 33(10-11), 1315-1332. doi: 10.1080/00140139008925335
- Rozestraten, R. J. (1988). *Psicologia do trânsito*. São Paulo: Ed. EPU.
- Şimşekoğlu, Ö., Nordfjærn, T., & Rundmo, T. (2015). The role of attitudes, transport priorities, and car use habit for travel mode use and intentions to use public transportation in an urban Norwegian public. *Transport Policy*, 42, 113-120. Doi: 10.1016/j.tranpol.2015.05.019
- Sucha, M., Viktorova, L., & Risser, R. (2016). Attitudes Towards Traffic Safety

Worldwide. *The Open Psychology Journal*, 9(1). doi:
10.2174/1874350101609010035

Veiga, H. M. D. S., Pasquali, L., & Silva, N. I. A. (2009). Questionário do Comportamento do Motorista-QCM: adaptação e validação para a realidade brasileira. *Avaliação psicológica*, 8(2), 187-196. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=335027280005>

Waiselfisz, J. J. (2014). *Os jovens do Brasil: Mapa da violência 2014*. São Paulo: Juventude Viva/Secretaria Nacional de Juventude.

World Health Organization. (2015). *Global status report on road safety 2015*. World Health Organization.

Considerações Finais

Em virtude do que foi apresentado até o momento, ressalta-se a importância da avaliação da personalidade no trânsito e no caso da presente tese, os aspectos que estão relacionados ao CAS. É necessário maior investimento na construção, adaptação, e até mesmo, busca de novas evidências de validade para os testes já existentes, principalmente, instrumentos que possibilitem prever comportamentos de risco no trânsito (Mognon & Rueda, 2016) destacando-se a realização de estudos que analisem a evidência validade baseada em critério para esse contexto (Silva & Alchieri, 2007). Além disso, a utilização de testes de personalidade nesse contexto pode contribuir na compreensão comportamentos indesejados apresentados por motoristas. Isso pode possibilitar o desenvolvimento de intervenções no trânsito para reduzir o envolvimento em acidentes.

Considerando o objetivo geral de construção e análise de conteúdo e estrutura interna da Escala de Avaliação do Comportamento Antissocial (E-Cant). Especificamente foram buscadas evidências de validade convergente, de critério externo e incremental. Desse modo, pode-se considerar que os objetivos da presente tese foram alcançados.

Quanto aos resultados de evidências de validade de conteúdo e estrutura interna, dos 110 itens construídos apenas 64 foram elencados pelos juízes, utilizando 80% de concordância, com conteúdo adequado e claro. As evidências de validade com base na consistência interna foram realizadas por meio da Análise Fatorial exploratória e posteriormente foram testados modelos restritivos e saturados. Os resultados indicaram um total de 39 itens com cargas fatoriais acima de 0,50, com bons índices de ajuste para um modelo hierarquico $\chi^2(660) = 1081.331^*$ ($p < 0,001$), RMSEA = 0.042 (95% IC: 0.037 - 0.046; $p < 0,001$), CFI = 0,939 e TLI = 0,935. Os resultados de consistência interna pelo alfa de Cronbach mostraram-se para a escala Total e valores de suficientes a ótimos para

os fatores da E-Cant.

No que diz respeito ao estudo de evidências de validade convergente, de critério externo e incremental a E-Cant apresentou bons resultados. A E-Cant conseguiu prever de forma significativa os comportamentos de erros, lapsos e violações dos motoristas no trânsito. Isso indica que pessoas que cometem comportamentos infratores no trânsito têm maiores pontuações na E-Cant.

Considerando esses aspectos, é importante mencionar que embora tenham participado motoristas em curso de reabilitação, e que possuem altos traços de comportamento antissocial, é necessário que novos estudos sejam realizados com amostras como a carcerária e pessoas com transtornos que apresentem níveis elevados de comportamentos antissociais. Além disso, deve-se considerar novas análises como o ajuste dos itens por meio da Teoria de Resposta ao Item (TRI) e Funcionamento Diferencial do Item (DIF).

Em virtude do que foi apresentado aqui, esse instrumento de autorrelato de Avaliação do Comportamento Antissocial em adultos (E-Cant) pode ser utilizado para a população geral e no contexto do trânsito. Isso contribui para suprir uma pequena parte da lacuna no que diz respeito a instrumentos de personalidade com capacidade preditiva de comportamento infrator no trânsito, bem como para a avaliação de aspectos desviantes na população adulta.